

PUC/SP – COGEAE

LILIAN GARCIA DE PAULA

A LENDA DE MULAN: A JORNADA DA MULHER E DO FEMININO

Trabalho de Monografia apresentado ao Cogeeae – PUCSP para obtenção do título de Especialista em Abordagem Junguiana: Leitura da Realidade e Metodologia de Trabalho.

ORIENTADORA: Profa. Heloísa Dias da Silva Galan

São Paulo

2008

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi verificar o processo de transformação da consciência coletiva no sentido de um movimento de mudança para a incorporação do feminino em nossa sociedade e de novos potenciais na identidade da mulher. Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa embasada nos pressupostos da psicologia analítica de Jung. O método simbólico arquetípico refere-se ao método de investigação que considera tanto os conteúdos manifestos quanto os não manifestos vinculando a realidade concreta e a abstrata. A Partir dessa análise pudemos perceber a relação entre a jornada do feminino e da mulher e os mitos e contos de fadas, apresentados em forma de filmes na atualidade. Foi utilizado como recurso metodológico o filme Mulan da Disney que foi embasado em um conto chinês do século V. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica que abordava a questão do feminino e da mulher desde o início dos tempos até a atualidade. A análise simbólica do filme Mulan nos mostrou o quanto os filmes abarcam, na atualidade, questões arquetípicas como antigamente era colocado à sociedade através de contos de fadas e da mitologia. Mulan traz em sua história o processo de desenvolvimento da sociedade perante a necessidade de reincorporação do feminino através da jornada da heroína em que se consegue uma ampliação na consciência individual e cultural. Assim, pudemos perceber que a reintegração do feminino na sociedade e na psique de cada um é essencial para que se consiga estabelecer uma relação de alteridade entre as pessoas, já que o contato com o feminino externo também permite o contato com o feminino interno, a alma.

Palavras-chave: conto, filme, símbolo, feminino, mulher, ampliação da consciência.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 01 |
| CAPÍTULO I : HISTÓRICO DO FEMININO | 11 |
| CAPÍTULO II: ABORDAGEM TEÓRICA..... | 20 |
| 2.1. Consciente e Ego..... | 20 |
| 2.2. Inconsciente Pessoal e Coletivo | 22 |
| 2.3. Arquétipo e Complexo | 24 |
| 2.4. Arquétipo Feminino | 27 |
| 2.5. Arquétipo do Herói..... | 32 |
| 2.6. Anima e Animus..... | 33 |
| 2.7. Persona e Sombra..... | 35 |
| 2.8. Adolescência..... | 38 |
| 2.9. Individuação..... | 40 |
| 2.10. Totalidade e Self | 41 |
| 2.11. Símbolo e Abordagem Simbólica..... | 43 |
| CAPÍTULO III: MÉTODO | 47 |
| 3.1. Resumo do Filme..... | 49 |
| 3.2. Procedimento para Coleta de Dados..... | 52 |
| CAPÍTULO IV: LEITURA SIMBÓLICA..... | 54 |
| 4.1. Descrição dos Personagens..... | 54 |
| 4.2. 1ª. Fase – Vida de Mulan na aldeia até sua ida à guerra como Ping..... | 56 |
| 4.3. 2ª. Fase – Jornada de Mulan..... | 64 |
| 4.4. 3ª. Fase – Retorno de Mulan à sua casa..... | 75 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 79 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 84 |

INTRODUÇÃO

A psicologia se interessa por tudo que diz respeito ao ser humano. É uma ciência que visa conhecer profundamente o que significa existir, se relacionar, se desenvolver.

As dores, as alegrias, os amores, as confusões inerentes do existir são comuns a todos. Desde os primórdios a humanidade busca maneiras de explicar o que acontece interna e externamente. As narrativas, os mitos, os contos de fadas e, mais atualmente, os desenhos animados e os filmes, que de maneira simbólica expressam a condição humana, vêm responder a essa necessidade. Essas histórias expressam maneiras de lidar com as vicissitudes da vida comuns a todas as pessoas, mostram saídas aos problemas e a maneira característica de uma dada cultura lidar com questões existentes desde o início dos tempos.

Segundo Von Franz (1985) a origem dos contos de fadas é bastante contraditória. Alguns acreditam que são remanescentes de mitos, religiões e literatura. Também se acredita que podem ser sonhos contados posteriormente como histórias, porém o que realmente permanece em seu cerne e é passado de geração em geração são questões arquetípicas, ou seja, os conteúdos produzidos pelo inconsciente coletivo. Para a teoria junguiana, na qual se embasa esse trabalho, esses padrões típicos da humanidade são chamados arquétipos. Esse conceito e outros referentes à teoria junguiana serão explicitados no capítulo II – Abordagem Teórica.

Assim os contos e os mitos são sempre atuais e tocam a todos no seu íntimo, é como se eles falassem a cada um e, ao mesmo tempo, a todo mundo sem perder a capacidade de acolher a necessidade de cada pessoa e abarcando toda humanidade.

“Pode-se considerar os mitos como sonhos coletivos e recorrentes da humanidade. À nossa consideração racional, são tão irrealis quanto os

sonhos e, não obstante, de uma eficácia espantosa quando cuidadosamente considerados como indicadores e orientadores do desenvolvimento psíquico” (Whitmont, 1991, p. 47).

Oberg, na apresentação do livro de Grimm (2000), relata que os contos, diferente dos mitos, apresentam histórias mais facilmente identificáveis com nossa realidade já que suas aventuras são vividas por seres humanos, com características humanas diferente dos mitos cujos heróis possuem características divinas. Eles abordam questões do ser, do existir humano em toda sua magnitude: a vida e a morte, o envelhecer, os medos, as conquistas, as derrotas e as vitórias oferecendo soluções e desfechos possíveis para seus leitores.

“Crescer é viver seu destino, nos dizem os contos, passar por momentos de conflitos externos e internos, perdas e confrontos difíceis; mas no fim acaba-se encontrando o tesouro que enriquece o resto da vida” (Bonaventure, 1992, p. 123).

Hoje em dia os contos de fadas e os mitos são vistos pela sociedade como algo desvalorizado, infantil, feito para crianças. Em parte, não deixa de ser verdade já que apresenta às crianças a vida humana, mas não somente as crianças são beneficiadas pelas histórias míticas. Na realidade, como aponta Von Franz (1995) os contos de fadas se destinavam, em sua origem, à população adulta. As vigílias e reuniões típicas de moradores de uma determinada região eram animadas por contadores de histórias.

Bonaventure (1992) aponta que os contos como qualquer obra de arte trazem variações sobre um tema básico: o sentido da vida – algo propriamente pertencente ao campo do feminino.

As sociedades ocidentais, com o advento do patriarcado, herança das culturas grega e hebraica - essencialmente patriarcais apesar de seus cultos às deusas durante suas festividades - passaram a desvalorizar tudo que era

tipicamente feminino dando pouca atenção à subjetividade. A irracionalidade dos mitos e contos que expressam sentimentos, aflições, problemáticas existenciais passaram a ser vistos, como tudo que a racionalidade não consegue apreender em si, como histórias absurdas, irrealis. Hoje, mito é sinônimo, em nossa linguagem, de mentira.

O homem moderno, unilateralizado em seu pólo racional, perdeu o contato com sua origem mítica e abandonou tudo que considerou irracional. O feminino e tudo que ele representa foi relegado em nossa cultura à escuridão. A nossa consciência feminina foi relegada à sombra. Isso significa que o reino dos sentimentos, da intuição, da inspiração, da criatividade, da sexualidade, a necessidade de afeto e apoio e também a agressão e a raiva são conteúdos banidos de nossa personalidade consciente. Negamos a essa parte de nosso ser dignidade em sua existência e como todo aspecto não aceito, ele cobra atenção.

Os contos relacionados ao feminino trazem as problemáticas existentes pela falta de contato com esse aspecto. Problemas que afligem toda a sociedade, tanto mulheres quanto homens. Nos homens o contato com sua alma, com seus sentimentos é negado em sua consciência o que causa um grande empobrecimento em suas vidas, e nas mulheres, cuja essência foi suprimida, essa perda é muito significativa; é perder o ser em si.

Nos contos a feiticeira e a bruxa traduzem, segundo Von Franz (1995), o lado negativo do feminino banido da consciência, representam o medo da vida e de seus mistérios, o medo do inconsciente, de entrar em contato consigo mesmo e descobrir o que se é de verdade, o que transmite o sentido de vida de cada um. Segundo ela, o objetivo dos contos é a individuação, a realização da totalidade psíquica, a descoberta da verdade interna e única que se define na união do princípio masculino e feminino que nos contos se dá com a união de rei e rainha, príncipe e princesa.

As mulheres passaram por diversas fases sociais: houve, no início dos tempos, uma grande valorização do feminino e a veneração da Grande Deusa. Com o patriarcado, a mulher foi relegada a segundo plano, seu desenvolvimento ficou bloqueado. Sua função passou a ser a procriação para manutenção da espécie.

Porém, as energias relativas à vida não vivida das mulheres foram criando forma e explodiram no feminismo que se revelou como uma tentativa de reintegração do feminino na sociedade, porém, não foi muito satisfatório já que tinha o objetivo de igualar a mulher ao homem, portanto, não respeitando, ainda, os valores femininos. Hoje, as mulheres estão procurando uma forma de serem mulheres, de respeitarem sua essência e de se valorizarem perante a sociedade sem que o social suprima o individual. No capítulo I esse desenvolvimento social e psicológico das mulheres será abordado de forma mais completa.

Hoje, percebemos a necessidade de restituir o aspecto feminino na sociedade e em nossa vida. Em nossa comunidade vemos ocorrerem atos de crueldade e destruição irracional, como as chacinas, os espancamentos por gangues e tantas mortes banalizadas que nos assustam por seu despropósito aparente.

São dinamismos que pertencentes ao aspecto feminino não aceito atuam e invadem nossas vidas conscientes ameaçando nossa existência. Quando aceitos podem trazer grande enriquecimento às nossas vidas, porém, quando reprimidos, nos ameaçam. Cada pessoa, em especial, as mulheres, sente que a maneira de ser e se relacionar não satisfaz às suas necessidades. Em minha experiência clínica, percebo essa necessidade claramente onde queixas relativas à falta de sentido na vida, um sentimento de não saber quem realmente é, o que busca e o que quer são muito comuns. Assim, hoje, é imperioso que tomemos a responsabilidade de olhar para esta questão.

“A agressão é indispensável ao adequado funcionamento do ego e à capacidade de amar e estabelecer relações. Áries, o deus da guerra e dos confrontos, e Eros, o deus do amor e do desejo, são psicologicamente irmãos gêmeos.” (Whitmont, 1991, p. 35).

Essa necessidade de restituir o feminino em nossas vidas vem abrindo espaço nos estudos científicos. Existem estudos sobre a restituição do feminino como os livros de Neumann (2000) – “O medo do feminino” - e de Sylvia Perera

(1998) – “Caminhos para a iniciação feminina”- além da redescoberta que os contos vem sofrendo na atualidade. O conto surge como uma expressão desse aspecto feminino pela sua irracionalidade. Coelho (1987) relata que a volta da importância dada a eles pela ciência que hoje se ocupa novamente de seus estudos, se dá por necessidade humana, o conto seria: “ caminho aberto para o conhecimento das vivências humanas mais profundas, que o racional não consegue apreender e expressar” (p.82).

Na minha atuação clínica pude perceber o interesse de adolescentes e adultos por temas míticos que representavam de forma muito clara o momento de vida em que estavam. A surpresa e, ao mesmo tempo, o alívio por sentirem-se inseridos em um contexto maior, mais amplo e perceberem que seus problemas e alegrias são experiências humanas e não algo vivido somente por eles. Muitos relatam a sensação de pertencimento a algo maior e um acolhimento de suas angústias além de poderem aprender maneiras de lidar com esses sentimentos.

Jung [1935] (1991) relatou essa sensação de pertencimento a uma condição coletiva como a possibilidade do neurótico sentir-se acolhido, entender que o conflito que vive não é um fracasso pessoal, mas um sofrimento comum a todos que caracteriza uma época. Essa generalização o retira do isolamento e o liga à humanidade.

“No Oriente, grande parte da terapia prática se constrói sobre o princípio de elevar o caso pessoal a uma situação geral válida. A medicina grega também trabalhava com o mesmo método. É evidente que a imagem coletiva ou sua aplicação deve estar de acordo com a condição particular do paciente. (...) se o doente percebe que o problema não é apenas seu, mas sim um mal geral, até mesmo o sofrimento de um Deus, aí então reencontrará seu lugar entre os homens e a companhia dos deuses, e só de saber isso, o alívio já surge.” (Jung, [1935] (1991), p. 96).

Desde sempre o encanto das pessoas de diversas idades pelos contos de fadas, mitos, desenhos animados, filmes e outras formas de expressão coletiva me

intrigou. Porque uma história marca de forma tão profunda as pessoas que dura milênios? Arrasta multidões ao cinema? Como consegue cativar tantas pessoas diferentes – com história de vida diferentes, idades diversas, níveis de instrução os mais diversos – de forma tão comum e marcante a todas?

Segundo Galan (2003) os mitos e os contos de fadas tem sido desde sempre os veículos que expressam os símbolos do inconsciente coletivo encarregados de sustentar o processo de desenvolvimento do consciente coletivo. Atualmente os desenhos animados são veículos através dos quais esses símbolos abrangem a consciência sendo percebidos e integrados.

Ao entrar na faculdade, logo no primeiro semestre, tive aulas sobre mitologia grega e isso me fascinou. Achei incrível todas aquelas histórias tão antigas e, ao mesmo tempo, tão atuais. Desde então passei a perceber que diversas histórias narradas em filmes, desenhos, literatura atualizavam os mesmos conteúdos presentes na mitologia grega.

No final da faculdade, ao entrar em contato com a teoria junguiana pude estudar a mitologia como uma forma de expressão do inconsciente coletivo.

“É como se precisássemos desistir de pensar, entender, interpretar as imagens do conto, da poesia, dos sonhos, e simplesmente nos deixar levar pelo fogo de nossas exaltações, raivas, ciúmes, paixões, ou pelo frio dos nossos medos provocados pelas imagens, para nos defrontarmos com realidades escondidas dentro de nós mesmos” (Bonaventure, 1992, p. 45).

Ao mesmo tempo, comecei a perceber que me interessavam, de forma particular, as obras mitológicas que se referem à trajetória do feminino, da mulher, de seu processo interno tão peculiar e sensível. Passei a ler sobre as Deusas gregas e a perceber a presença de cada uma delas em minha vida: Atenas, Afrodite, Perséfone, Deméter, Ártemis, Hera...

Passei a perceber sutilmente a relação presente em cada vida que se apresentava a mim na minha experiência clínica e os mitos estudados. Do mesmo modo que com filmes, desenhos, livros lidos. Em muitos, podia perceber a presença sutil de alguma paciente, de mulheres de presença mais marcante em minha vida e de mim mesma em cada história.

Assim, quando precisei decidir o tema dessa monografia confesso que pensei muito em diversos temas, mas a definição se deu por conta própria. Sabia que meu trabalho se embasaria em algum conto, que, de alguma forma, responderia a esse meu anseio de sempre.

Ao pesquisar os trabalhos já realizados sobre contos de fadas fui me apropriando de temas já trabalhados e percebendo que existem diversos trabalhos que relacionam o uso dos contos no processo de aprendizagem das crianças.

Encontrei alguns trabalhos de monografia para obtenção de título de pós graduação em psicopedagogia pela PUC SP que abordam a utilização dos contos no processo de educação. Cembrone (2003) em sua monografia "*Os contos de fadas e a psicopedagogia : um caminho para aprendizagem significativa*" relata a experiência de um grupo de professores que utilizam contos como estratégia para uma aprendizagem mais prazerosa e eficaz, percebendo que constituem uma matéria de grande valia nesse processo.

Barros (2004) em seu trabalho "*A importância dos contos de fadas no ensino fundamental*" ressalta que a utilização de contos de fadas nas escolas garante o desenvolvimento mais satisfatório da criatividade nos alunos. Ampliando essa idéia, Magnanelli (2003) escreve "*Era uma vez... Os contos de fadas como mediadores no trabalho psicopedagógico para uma possível resolução diante dos conflitos internos infantis*" onde, através da união da psicopedagogia e da psicanálise, percebe que a utilização dos contos como ponte de resolução dos conflitos infantis resulta em uma melhor aprendizagem.

Na abordagem psicanalítica encontrei o Trabalho de Conclusão de Curso em psicologia pela PUC SP de Generali (2006) intitulado "*Contos de fadas: uma*

possibilidade de instrumentos psicopedagógicos para alfabetização” que relaciona ainda os contos ao processo de educação infantil relatando que, na alfabetização de crianças com dificuldade escolar, os contos auxiliam o processo por propiciar a ‘desinibição de sua criatividade’. Ainda outros trabalhos na mesma linha podem ser encontrados, porém como não se relacionam diretamente com o tema desse trabalho, irei citar os trabalhos que mais particularmente me interessam.

Saindo da face escolar e partindo para a construção da subjetividade, porém ainda na abordagem psicanalítica surge Kaufman (2005) que, em seu TCC pela PUC SP “*Jogue-me suas tranças: a criança diante do conto Rapunzel*”, estuda a importância do contato das crianças com os contos de fadas no seu processo de desenvolvimento por propiciarem melhor compreensão do processo natural da vida, seus obstáculos, caminhos, desenvolvimento de forma que podem auxiliar na compreensão de seus processos internos e enriquecer sua vida simbólica. No final de seu trabalho, a autora conclui que para todos os indivíduos, independente da idade, os contos proporcionam os mesmos benefícios já que personificam vivências humanas ao mesmo tempo, singulares e universais.

Na abordagem junguiana, encontrei trabalhos que relacionam os contos a esfera do mundo adolescente e adulto como as monografias de Especialização pela PUC SP realizada por Nascimento (2005) “*Chihiro: uma jornada arquetípica*” e por Barboza (2002) “*Contos de fadas: re-significando a vida e ultrapassando etapas*”. Nascimento busca entender se há temas mitológicos em desenhos animados, mais especificamente, nos animes, e se estes podem ser um material útil para profissionais da educação e psicologia na relação com crianças e adolescentes, percebendo que todos os mitos, independente da forma como são veiculados, falam ao inconsciente e respondem à nossa necessidade interna referente ao processo evolutivo. Já Barboza observa que na psicoterapia de adolescentes o uso dos contos de fadas são instrumentos facilitadores no processo terapêutico atuando como símbolos que possibilitam transformações internas que se refletem no dia-a-dia. Ela sugere, nesse trabalho, que os contos sejam utilizados em psicoterapia de jovens como forma de ritual de passagem para a vida adulta.

Com relação ao aspecto do feminino, surgem Destro (1997) que, em seu TCC na abordagem junguiana pela PUC SP “*Espelho, espelho meu: o feminino no conto Branca de Neve*” estuda o feminino através do conto da Branca de Neve com o intuito de perceber a projeção de conteúdos inconscientes de jovens mulheres nos diversos personagens presentes no conto e a Monografia de final de Especialização Junguiana pela PUC SP “*O aspecto simbólico do tecer: uma analogia entre o tecer e o processo de individuação a partir do conto A moça tecelã*” de Ribeiro (2007) que faz relação do processo de individuação das mulheres com a arte de tecer utilizando para isso a análise de um conto que fala sobre essa arte.

Também é importante citar o trabalho realizado por Zanzini (2001), também na linha junguiana, que realizou seu TCC pela PUC SP “*Era uma vez um conto... : sobre os contos de fadas e o inconsciente coletivo*” onde aponta a adaptação dos contos à cultura readequando aos valores de cada uma. Ela relata que a transformação dos contos tende a refletir o diálogo entre inconsciente e consciente tanto pessoal quanto coletivo.

É importante, também, citar o livro de Sylvia B. Perera chamado “*Caminho para a iniciação feminina*” (1985), muito interessante, que aborda a questão do feminino excluído de nossa sociedade através da análise do mito sumério de Inana-Ishtar conhecido como “A descida de Inana” onde relaciona a história com o processo de iniciação das mulheres à sua própria feminilidade apresentando um modelo de saúde e cura para nossa sociedade tão segmentada.

Pensando nessas questões várias perguntas surgem para reflexão: O aspecto feminino em nossa cultura está mais aceito hoje em dia? Mais acolhido em suas diferentes maneiras de se apresentar? As mulheres tendem a um respeito maior de sua feminilidade? Será que há a busca nas mulheres por realização de suas reais capacidades e respeito aos seus valores? Os contos de fadas apontam na atualidade, através dos desenhos animados, filmes, novelas, a forma de ser mulher? E, principalmente, será que os contos atuais refletem a questão da necessidade da incorporação de novos valores à consciência?

A partir desse questionamento escolhi como meu objetivo nesse trabalho pesquisar o processo de transformação da consciência coletiva no sentido de um movimento de mudança para a incorporação do feminino em nossa sociedade e de novos potenciais na identidade da mulher.

Pretendo, com essa pesquisa, poder contribuir com um maior conhecimento do estudo simbólico dos contos em sua relação com o feminino na atualidade, com base na teoria de Jung, já que o retorno do feminino à consciência coletiva é um tema tão relevante na nossa cultura, trazendo assim, não só enriquecimento científico, mas também útil a toda sociedade, em especial, às mulheres.

Esse trabalho se apresenta dividido em quatro capítulos: no primeiro capítulo foi apresentado o histórico do feminino, no segundo estão apresentados os conceitos teóricos da abordagem junguiana necessários a esse trabalho. No terceiro capítulo se apresenta o método de trabalho e no quarto a leitura simbólica do recurso utilizado. Após esses capítulos foram feitas as considerações finais sobre o tema.

CAPÍTULO I - HISTÓRICO DO FEMININO

Esse capítulo visa apresentar o desenvolvimento psíquico do feminino e da mulher durante a evolução dos tempos. Também irá apontar mudanças de comportamento das pessoas, em especial, das mulheres, já que estas transformações são o reflexo das mudanças ocorridas psiquicamente.

É importante ressaltar que o feminino deve ser entendido como um potencial psíquico presente tanto nas mulheres quanto nos homens, bem como, o masculino é um potencial presente nos dois sexos. Jung denominou o feminino no homem de Anima e o masculino na mulher, Animus. São potenciais arquetípicos que interferem profundamente na vida dos homens e das mulheres de maneiras diversas. Eles são potenciais responsáveis pela constituição da verdadeira natureza íntima de cada indivíduo. No homem a perda de contato com seu aspecto feminino traz um empobrecimento de características no âmbito emocional, tanto na relação consigo mesmo quanto com as outras pessoas. Para a mulher, traz a perda de sua própria identidade, de seu ser mais profundo. Irei me aprofundar melhor nesse tema no capítulo II – 2.6.

Vivemos em uma sociedade patriarcal onde os aspectos da subjetividade humana ligados ao feminino, o contato da mulher consigo mesma e do homem com seu potencial para relação profunda e verdadeira, a intuição, a criatividade e a agressividade não são aceitos e são relegados ao inconsciente. Porém, desde quando isso ocorre?

Whitmont (1991) relata que a transição psíquica para uma sociedade patriarcal se deu em fases e a primeira delas ele chamou de “fase mágica” que corresponde ao período matriarcal. É uma fase que, aparentemente, está muito longe de todos nós nos dias de hoje, já que, nessa época, a racionalização, como conhecida por nós, não ocupava um lugar de destaque na psique das pessoas, bem como a divisão, a categorização, os esquemas, as explicações dos fenômenos; mas é uma fase que, com certeza, ainda influencia nossos sentimentos e ações. As

coisas existiam por si e aos indivíduos só restava à adaptação ao destino e aos fenômenos da natureza. Podemos perceber, então, que, para entender o processo de desenvolvimento da consciência do feminino na espécie humana precisamos voltar a milênios atrás.

No período paleolítico, os chamados homínídeos, antecessores do homo sapiens, já possuíam um sistema de divisão de tarefas entre homens e mulheres necessária para a sobrevivência da comunidade. Essa divisão se deu de forma natural, já que a gestação e a maternidade, em si, conduziram a mulher aos cuidados físicos, ao preparo, ao acalanto sendo suas funções relacionadas ao cuidado dos filhos e à agricultura. (Galan, 2002). Aos homens cabia, desde os primórdios da raça humana, as atividades relacionadas à força física como a caça e a proteção do clã.

Essa divisão propiciou um maior desenvolvimento de certos potenciais arquetípicos na mulher como a emoção, a receptividade, a afetividade e nos homens a orientação espacial e a sistematização. Nessa época, o fato de existir divisão de atividades entre os sexos não significava poder de um sobre o outro e sim de complementaridade e respeito mútuo já que ambos os sexos percebiam que, para continuarem existindo, era necessário, na mesma proporção, tanto o trabalho feminino quanto o masculino.

Do período mesolítico ao neolítico o feminino ganha grande destaque e prestígio na sociedade. Tornam-se engrandecidos os cultos à Grande Deusa e a mulher ganha o centro das sociedades neolíticas. Os homens percebem que criar animais garante uma maior possibilidade de sobrevivência do que caçar, já que não mais dependeriam de encontrar um animal para a alimentação e sim de criá-los para esse fim. A transição de caçadores para criadores causa uma queda de status masculino, pois é uma atividade muito menos arriscada, mas, de qualquer forma, necessária. Apesar disso, segundo Badinter (1986), não existe supremacia de um sexo sobre o outro, o trabalho e a divisão de poder se dão na busca de complementaridade e cooperação e não de exclusão de um sobre o outro. Mesmo sendo um período de muito destaque feminino, havia equilíbrio entre os sexos.

No fim do período neolítico e início da idade dos metais ocorre um considerável aumento populacional e daí surge a necessidade de se dividir propriedades de criação de animais e agricultura para cada povoado. Inicia-se a idéia de casal já que as pessoas percebem que para nascer uma criança é necessária a união de um homem e de uma mulher o que antes era simplesmente tido como algo dado de fora, 'ocorrido' àquela comunidade como um fenômeno natural. No âmbito celeste, a Grande deusa passa a dividir o poder divino com um Deus. (Seabra e Muskat, 1987).

É essa fase que Whitmont (1991) denomina "Mitológica ou Imaginária" que serve de ponte do nível mágico ao mental. Nessa fase inicia-se o processo de dividir, categorizar: o individual e os opostos se constituem. A realidade que antes era vista como única se fragmenta. As pessoas passam a existir enquanto seres e não mais como grupo, comunidade. Com a repressão, que já se inicia, de aspectos femininos como a afetividade ou agressividade, a intuição, a emoção e a receptividade se faz necessário instituir ritos como uma forma de conter a agressão.

Surgem, então, nessa época, as guerras de território. São uma forma aceitável e ritualística de expressão da agressividade que agora tem um fim glorioso a ser alcançado: a conquista de território e a proteção da comunidade. Apesar de existirem, em toda a história, casos de mulheres guerreiras, esta atividade sempre foi vista como tipicamente masculina. Esse momento foi importante para os homens recuperarem o prestígio perdido pela queda da caça e início do período de criação de animais. (Seabra e Muskat, 1987).

Já na idade dos metais, com as guerras ganhando cada vez maior destaque e proeminência social, surge o culto ao herói e a força física passa a ser louvada por todos. Nasce aí o poder masculino. É nessa época que Inicia-se a fase Mental ou Patriarcal que corresponde a fase mais conhecida por todos nós e é onde se institui a lei. É onde, segundo Whitmont (1991) ocorrem as divisões, tudo é minuciosamente estudado, observado, vem a tentativa de controle da natureza tanto interna quanto externa. A mulher passa a ser vista como um ser que recebe passivamente os fortes genes masculinos.

Na mitologia, os mitos de criação do mundo demonstram a superioridade masculina: Adão é criado por Deus sem a ajuda de nenhuma mulher e é de um pedaço seu que Eva é formada. Até mesmo a capacidade de gerar vida é retirada da mulher e entregue ao homem, ele é quem cria. Na mitologia grega, Atenas nasce da cabeça de Zeus sem nem saber se possui mãe.

Na filosofia surgem idéias defendidas por grandes pensadores da época que proclamam a superioridade masculina. Aristóteles é um dos principais teóricos que vão nessa linha. Ele nasceu em 384 A.C. e suas idéias giravam em torno de que o homem é o detentor da vida já que é dele a semente que a origina e a mulher é somente uma incubadora dessa vida. Para ele, o nascimento de uma mulher é o mesmo que uma falha no processo de constituição do bebê que não teve força para se tornar um homem.

Com a chegada da Idade Média a mulher é cada vez mais excluída de si mesma. Ocorre uma proclamação geral para que a mulher seja percebida como um ser que precisa ser dominado para que somente os aspectos aceitáveis ao ego patriarcal se apresentem, ou seja, a mulher se resume a ser mãe, submissa e cuidadora, valorizada exclusivamente por sua necessidade na manutenção da espécie, por sua capacidade reprodutiva.

Na religião, como no cristianismo e no judaísmo, os dogmas vieram legitimar a inferioridade feminina. Passa a ser discutido, segundo Johnson (1991) se as mulheres possuem alma. Santo Agostinho institui que é necessário coibir o poder das mulheres na sociedade, já que elas podem definir a continuação ou não da espécie. Essa supremacia masculina se estendeu por séculos e percebemos, assim, sua influência em todas as áreas da sociedade. Mesmo Jung dedicou pouca atenção ao feminino. Em seus trabalhos referia-se ao aspecto feminino a partir da relação direta e oposta ao masculino.

Diante desse quadro tão lastimável a todos, em que o potencial feminino, tão importante quanto qualquer outro na humanidade, estava totalmente suprimido, a mulher inicia a busca por seu espaço. No final do século XVIII se torna imperativo o ideal de liberdade, igualdade e fraternidade que é, claramente, incompatível com a

supremacia de um sexo sobre o outro. Segundo Farias (2003), as mulheres começaram a utilizar o saber para se igualar aos homens como uma tentativa de se adaptar ao modelo dominante e se inserir na sociedade através do poder, da competição, do sucesso, mas isso não satisfaz as mulheres. Elas continuaram sentindo-se incompletas, buscando ser o que não eram, negando sua verdadeira essência feminina.

No início do século XIX, as mulheres ganham o status de cuidadora do lar e da família, um status até então inexistente que as manteve, de forma mais satisfeita, na mesma posição de sempre: mãe e esposa, porém as necessidades da sociedade empurraram as mulheres às suas conquistas. A valorização do papel materno logo foi suprimido pela necessidade de mão-de-obra da Revolução Industrial e, nessa época, as profissões se abriram às mulheres. Ela precisava e foi incorporada ao mercado de trabalho, porém com posição e salário inferior aos homens, apesar de realizarem o mesmo trabalho, senão mais penoso. No final do século, em 1866 foi decretado o direito ao voto feminino no estado de Wyoming e em 1885 surgiram grandes colégios universitários femininos.

Uma vez capaz de se tornar independente economicamente, o reprimido reaparece. Socialmente, a possibilidade de contracepção libera as mulheres para conquistas no campo da sexualidade não mais atrelado à gestação. As mulheres iniciam a busca pelo prazer e por sua totalidade psíquica. Após a 2ª Guerra Mundial a mulher, teoricamente, tem os mesmos direitos que os homens, mas, na prática, seu lugar continua à parte na sociedade. Surge o movimento feminista, na década de 60, que foi muito importante para diversas conquistas das mulheres, apesar de que, nesse movimento a busca se dava no sentido de igualdade dos sexos, ou seja, ainda não havia o respeito necessário pelo feminino e sim a tentativa de inserção, de qualquer maneira, na sociedade vigente.

É como se, após tanto tempo de dominação do patriarcal, mesmo as mulheres tivessem se afastado de seu próprio ser não sabendo como serem aceitas pelo que são, não sabendo nem mesmo quem são e assim, procurando uma aceitação social através do modelo masculino. Qual é mesmo o modelo feminino? Como é ser mulher? Quais são as reais necessidades da mulher? Nem mesmo elas

sabiam. As mulheres queimavam soutiens em praça pública como um símbolo de igualdade, mas também de falta de respeito à feminilidade, de desvalorização das funções maternas e domésticas e da supervalorização da realização intelectual e econômica.

“Para se manter vigoroso, o sistema patriarcal produziu uma nova lógica da relação dos sexos, sem medida comum com a precedente. Não que alguma vez ele tenha negado explicitamente a complementaridade do homem e da mulher, mas levou tão longe a afirmação da alteridade que, com isso, quase anulou as condições de possibilidade do dualismo” (Badinter, 1986, p. 131).

Apesar de trazer claramente um grande prejuízo às pessoas, psíquica e socialmente, a valorização do masculino em detrimento do feminino foi um processo necessário para as conquistas da humanidade, já que possibilitou um maior controle da natureza e tantas conquistas científicas. É uma contradição necessária: ao mesmo tempo em que a sociedade ganha muito na ciência, na tecnologia, ela reprime a expressão da emoção, dos sentimentos, do cuidado, do contato íntimo entre as pessoas. Vemos hoje seres humanos buscando na medicina o prolongamento da vida, técnicas que garantem a reposição celular em avançadas pesquisas e, ao mesmo tempo, pessoas morrendo em chacinas e brigas de gangues.

Já mais para o final do século XX, segundo Muraro, no prefácio do livro de Seabra e Muskat (1987), há um movimento da mulher na tentativa de realização de suas reais potencialidades e necessidades inaugurando algo que se assemelha a uma nova era. Há uma busca pelo autoconhecimento, reflexão, uma nova identidade que abarque seus potenciais, até então, adormecidos. A mulher passa a procurar sua “fala própria” para incorporar ao território, até então, masculino, da razão e da linguagem, a emoção e o desejo. Porém, ainda hoje, isso é uma busca das mulheres. Ao mesmo tempo em que a sociedade espera que as mulheres sejam boas mães e esposas, este é um papel desvalorizado.

No jornal Folha de São Paulo do dia 21 de outubro de 2007, foi publicado uma entrevista de Uirá Machado com a escritora norte-americana, Camille Paglia, que afirma, ainda hoje, estar o feminismo defasado no que tange ao respeito às reais necessidades da mulher: “O movimento feminista tende a denegrir ou marginalizar a mulher que quer ficar em casa, amar seu marido e ter filhos, que valoriza dar à luz e criar um filho como missão central da vida. Está mais do que na hora do feminismo conseguir lidar com a centralidade da maternidade.” (p. A26). A autora ressalta que somente as mulheres que trazem a necessidade de trabalhar como centro de suas vidas seriam então valorizadas.

Ainda na Folha de São Paulo, no dia 7 de outubro, foi publicada uma revista com nome de *Família Brasileira* que trazia uma pesquisa nacional realizada pelo Datafolha em 211 municípios e 2093 entrevistados cujo resultado comprova a afirmação de Paglia: 33% das pessoas pesquisadas acreditam que a mulher deve abrir mão do trabalho pelo cuidado aos filhos. O mais revelador é que 30% dessa porcentagem é formada pelas próprias mulheres o que mostra que essa é uma necessidade da mulher tanto de tempos atrás quanto de hoje que não pode ser suprimida, já que faz parte de sua essência, porém, não é a única.

“Outrora, o interesse da mulher estava centrado em seus filhos; hoje, está centrado nela mesma: em sua vida afetiva e profissional. Ela não constrói mais sua existência em função de sua prole, mas força esta última a se adaptar ao seu projeto de vida pessoal” (Badinter, 1986, p. 206).

Assim, hoje, podemos perceber que estamos em uma readaptação psíquica que se reflete no comportamento das pessoas. As mulheres estão buscando uma nova forma de sentirem-se inteiras, completas. Há um movimento, por um lado, que nos lembram retorno a velhos modos de vida, e de outro, novas conquistas, ainda pouco comuns nos dias de hoje. Na mesma revista da Folha de São Paulo uma outra parte da reportagem traz que está havendo um crescimento no número de casais que decidem não ter filhos do ano de 1998 para cá. Em 98 o número de casais sem filhos era de 10%, hoje esse número já chega a 14%, mas que a

cobrança no Brasil a esses casais ainda é alta: são vistos como egoístas e fracassados em especial com relação as mulheres já que não ‘consequiram’ constituir uma família.

Badinter (1986) cita que pouco a pouco a maternidade e a paternidade vem se fundindo. Os homens estão aprendendo o que significa ser pai, existem mudanças no campo do direito onde se institui a guarda compartilhada; é cada vez maior o número de pais solteiros que adotam crianças; hoje se fala de homens grávidos que vivem intensamente a gravidez, o parto e os primeiros cuidados com os filhos e com essas novas atitudes de paternidade o homem se depara com uma feminilidade que ignorava existir em si.

Podemos perceber, então, que tem ocorrido uma reação aos padrões patriarcais, mas que ainda são muito marcantes em nossa sociedade. A necessidade da mulher de hoje encontrar sua essência está demandando uma busca por parte de cada um e de todos ao reencontro da verdadeira essência do feminino. Esse reencontro não significa ter filhos ou não tê-los, ter uma profissão ou não, casar, morar junto ou em casas separadas, mas sim, uma necessidade de retorno aos valores do feminino para estabelecimento de uma nova cultura que abarque o sentimento, a intuição, a agressão, a espiritualidade como aspectos naturais dos seres humanos buscando não mais um ou outro modo de ser, mas o equilíbrio entre os aspectos masculino e feminino na sociedade. Cabe a mulher, hoje, rever-se.

“Quando perdemos contato com a psique instintiva, vivemos num estado de destruição parcial, e as imagens e poderes que são naturais à mulher não tem condições de pleno desenvolvimento. Quando são cortados os vínculos de uma mulher com sua fonte de origem, ela fica esterilizada, e seus instintos e ciclos naturais são perdidos, em virtude de uma subordinação à cultura, ao intelecto ou ao ego – dela própria ou de outros.” (Estés, 1994, p. 23).

O caminho para a recuperação da saúde coletiva é a reapropriação do feminino em nossa sociedade abarcando as experiências tanto vistas como positivas

quanto negativas, reaproximando e experimentando também nossas fraquezas, ânsias e vergonhas que nos causam culpa: “a meta do novo ego será viver plena e conscientemente as experiência de medo, destrutividade e destruição, tanto quanto as experiência de amor, alegria, prazer e sucesso” (Whitmont, 1991, p. 207).

É ter a coragem de mergulhar na subjetividade, de perder-se para encontrar-se mais forte após esse período, de expressar a criatividade, a transformação, a maternidade, o início a despeito do medo do ego patriarcal. É a busca pela alteridade, pela relação verdadeira e completa entre homens e mulheres inteiros em todos os sentidos, com respeito e acalanto às diferenças.

O novo homem pergunta e arrisca permanecendo aberto. Ele aceita o fluir, abandonando a esperança de ter a razão e ser invulnerável, de controlar as circunstâncias e as pessoas. Ele passa a perceber que as dificuldades, dores e transtornos fazem parte e não podem ser evitados.

À mulher cabe descobrir e expressar sua capacidade ativa, iniciadora e transformadora, aceitando a diferença da natureza delas com relação aos homens. É aceitar e valorizar a interiorização, estar aberta a dores, feridas, feiúra, assim como, à alegria e beleza. Esta mulher permite-se arriscar envolver-se ao invés de evitar.

“Já que são dois, dois devem ficar, com suas diferenças e seus laços de dependência recíproca, únicos a assegurar a reprodução da espécie, a ordem social e a felicidade.” (Badinter, 1986, p. 237).

É tentar trazer à consciência o que nos diz na lenda do Rei Arthur a velha bruxa a quem foi consultar a respeito do real desejo da mulher: “ Sabe o que realmente quer a mulher? Ela quer ser senhora de sua própria vida! E assim o Rei Arthur se salvou.

CAPÍTULO II – ABORDAGEM TEÓRICA

Para a teoria junguiana a psique é composta por consciente e inconsciente. Será apresentado, neste capítulo, os principais conceitos da teoria que fundamentam esse trabalho.

2.1. Consciente e Ego

O termo consciência vem do latim e significa conhecer algo desconhecido. É onde se dá toda e qualquer experiência da pessoa consigo mesma, seus sentimentos, sensações, emoções e reflexões. Ela é como um quarto que cerca, segundo Stein (2004), o conteúdo que temporariamente o ocupa.

Consciência é a superfície de uma vasta área desconhecida, o inconsciente, e nela está tudo que conhecemos e entendemos sobre os eventos ocorridos. De início a consciência está imersa na totalidade psíquica. Com o desenvolvimento ela vai emergindo do inconsciente e surge seu centro: o ego. Ego também é um termo de origem latina e significa “eu”. Para Jung:

“(O ego) é um dado complexo formado primeiramente por uma percepção geral de nosso corpo e existência e, a seguir, pelos registros de nossa memória.(...) Portanto, em minha concepção, o ego é uma espécie de complexo, o mais próximo e valorizado que conhecemos. É sempre o centro de nossas atenções e de nossos desejos, sendo o cerne indispensável da consciência.” (Jung, [1935] (1991),p. 7).

A consciência é a relação de fatos psíquicos com o ego já que somente através dele algo pode se tornar conhecido. O evento, seja este interno ou externo, precisa passar pelo crivo do ego que determina o que fica na consciência e o que dela se retira, nada pode se tornar consciente sem a existência dele. Seu desenvolvimento

se dá através da interação entre o mundo e a psique individual, se dá através dos conflitos naturais entre o indivíduo e o mundo.

Quando a criança nasce não há diferença entre ela e o mundo externo, ou seja, ela nasce imersa no inconsciente. Com o passar do tempo e as frustrações naturais do desenvolvimento, já que a mãe nunca é capaz de satisfazer a criança plenamente, ela passa a perceber a si e ao outro como indivíduos separados. O bebê começa a perceber suas emoções, sensações e assim, sua consciência e seu ego vão se desenvolvendo. Essas colisões entre o mundo externo e o interno duram a vida inteira e garantem o desenvolvimento egóico. Passar por esses conflitos traz autonomia e maior competência para lidar com a vida além de propiciar o sentimento de identidade.

“Ele (o ego) tem a função do desenvolvimento da personalidade e da organização da personalidade: desenvolvimento em termos de ser, ele mesmo, uma identidade, organização em termos de uma adaptação externa.” (Whitmont, 1994, p. 229).

É o ego que nos permite tomar consciência do que nos ocorre, do que vivemos. Ele focaliza um determinado evento, sentimento, sensação, fantasia e nos permite que determinada vivência nos seja conhecida, é como uma luz direcionada a determinados eventos, tanto externos quanto internos. Assim, alguns conteúdos ficam à margem do ego e não nos tornamos consciente deles, apesar de estarem em nossa psique.

Conforme o passar do tempo o ego vai se distanciando de sua origem inconsciente dirigindo cada vez mais sua luz para o mundo externo, buscando adaptação ao meio em que vive. Seu importante papel de mediar conteúdos internos e externos buscando o equilíbrio da psique acaba sendo prejudicado. Na idade adulta, após a formação egóica, a pessoa necessita fazer o caminho inverso, ou seja, procurar se adaptar às exigências internas até então negligenciadas

retornando às suas raízes inconscientes. Porém, esse caminho não é tão fácil, já que, como relata Whitmont (1994):

“Baseado nas funções de memória e da lógica, o ego é uma unidade que resiste ao fluxo de mudança, em oposição ao inconsciente que está sempre se alterando.” (p. 206).

Pereira (1999) afirma que, ao se estruturar, o ego corre o risco de se fechar em si mesmo afastando potencialidades que permitiriam a ele encontrar soluções mais satisfatórias à vida, ou seja, vai se tornando unilateral. Assim, o desafio do ego é abrir-se para as potencialidades presentes no inconsciente, para o novo, sem se desadaptar à vida externa, mantendo o diálogo inconsciente/ consciente.

Porém, para que esse retorno possa ocorrer de forma satisfatória na vida do indivíduo sem que ele perca o contato com a realidade é necessário que esteja bem estruturado egoicamente para que através do ego o inconsciente possa se tornar consciente.

O ego é, assim, a ferramenta através da qual ocorre toda e qualquer investigação psíquica. Todo conhecimento que temos é direcionado pela capacidade e limitação de nossa consciência. Stein (2004) relata:

“Para Jung, o ego forma o centro crítico da consciência e, de fato, determina em grande medida que conteúdos permanecem no domínio da consciência e quais se retiram, pouco a pouco, para o inconsciente.” (p. 25).

2.2. *Inconsciente Pessoal e Coletivo*

A consciência, para Jung, é a camada mais superficial da psique que percebe somente parte do que nos ocorre, aquilo que o ego ilumina com sua luz. Sua percepção é sempre limitada. O restante que não está focalizado pela consciência está imerso no inconsciente que nos é inacessível diretamente e abarca tanto conteúdos reprimidos ou sem força para vir à consciência quanto aqueles conteúdos comuns a toda humanidade.

“Não se pode lidar diretamente com os processos inconscientes por serem eles dotados de uma natureza intangível. Não são imediatamente captáveis, revelando-se apenas através dos seus produtos, pelos quais inferimos que deve existir uma fonte que os produza. Essa esfera obscura é denominada inconsciente.” (Jung, [1935] (1991), p. 32).

Para a teoria junguiana o inconsciente se divide em inconsciente pessoal e coletivo.

A camada mais superficial é chamada de inconsciente pessoal. Nela estão contidos todos aqueles elementos inconscientes sem força suficiente para vir à consciência, recordações penosas e outros elementos que não são aceitos pelo ego por serem incompatíveis com a atitude consciente da pessoa.

“Além desses conteúdos pessoais inconscientes (do inconsciente pessoal), existem outros que não provêm de aquisições pessoais, mas da possibilidade herdada do funcionamento psíquico, quer dizer, da estrutura cerebral herdada. São as conexões míticas, os motivos e imagens que, a todo momento, podem reaparecer sem tradição histórica nem prévia migração. A esses conteúdos chamo o inconsciente coletivo.” (Jung, [1921] (1991), p. 524).

Aqui nos deparamos com a mais importante descoberta da teoria junguiana: o inconsciente coletivo. Nele está presente o substrato idêntico a toda humanidade, substrato que transcende cultura, época, raça, cujas bases não podem ser atribuídas a aquisições pessoais por serem estruturas idênticas a todas as pessoas em qualquer lugar do mundo.

É uma herança de possibilidades de expressão de sentimentos, sensações, pensamentos, emoções, experiências, imagens, comportamentos frente a situações básicas da vida. Vivências comuns a todos que formam uma base psíquica comum e herdada por toda espécie humana. Daí pode ser explicado como mitos, contos de fadas, expressões artísticas são compreendidos por diferentes pessoas em diferentes locais e mobilizam profundamente a vida dessas pessoas.

O inconsciente coletivo não é acessível a observação direta podendo ser somente inferida sua existência através de suas manifestações: imagens psíquicas, idéias universais, sonhos, fantasias, delírios e manifestações religiosas e míticas que, podem ser encontrados em todos os tempos e em toda parte. As matrizes, ou componentes, originais que constituem o inconsciente coletivo são denominados arquétipos.

2.3. Arquétipo e Complexo

Complexo

“ Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdos do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos.” (Jung [1933/1955] (2002),p. 53).

O inconsciente pessoal é povoado por complexos. Eles são agrupamentos psíquicos inconscientes carregados de afetividade que gravitam em torno do ego e são capazes de gerar perturbações na vida cotidiana do indivíduo.

Seu núcleo é arquetípico, ou seja, provém do inconsciente coletivo, mas seu revestimento é pessoal, é formado pelas experiências de cada indivíduo.

Os complexos são causados por um embate doloroso do indivíduo com o meio. São memórias congeladas de eventos traumáticos reprimidos e cada nova experiência emocional que se associa a um determinado complexo 'grava' uma nova camada em torno de seu núcleo e o mobiliza. Quando isso ocorre sentimos incômodo maior ou menor de acordo com a proximidade daquele complexo em relação ao ego. Quanto mais próximo, mais consciente a pessoa está daquele complexo e menor sua autonomia. Porém, caso esteja muito distante da consciência, quando mobilizado pode interferir profundamente na vida psíquica do indivíduo gerando graves perturbações na adaptação da pessoa ao meio. É o que comumente se conhece por possessão. A pessoa age como se fosse outra pessoa, ela é dominada por algo que foge ao seu controle.

Isso ocorre pelo fato do complexo ser autônomo, ou seja, independe da vontade do ego. Ao ser constelado podem gerar atitudes que, muitas vezes, não são percebidas pelas pessoas, ele toma conta de sua personalidade invadindo a consciência e as pessoas podem agir de forma estranha até para si mesmas. É como se eles fossem subpersonalidades. Em sua maioria o complexo aparece como negativo, trazendo perturbações às pessoas, mas ele também pode assumir uma postura positiva, criativa trazendo novas perspectivas a vida da pessoa quando integrados à vida consciente.

Arquétipo

Assim como os complexos são os componentes do inconsciente pessoal, os arquétipos são os componentes da camada da psique comuns a todos chamada inconsciente coletivo. Essa noção embasa a idéia de que em diferentes culturas e épocas os seres humanos compartilhem temáticas idênticas. O acesso a essa camada ocorre pela apresentação do arquétipo através das manifestações pessoais e culturais como os sonhos, as produções artísticas, os mitos e os contos de fadas que compartilham os mesmos temas independente do local e da época em que se apresentam.

A noção de arquétipo permite compreender como em lugares distantes e culturas mais diversas percebemos os mesmos temas recorrentes em suas produções artísticas, mitos, contos de fadas, ritos, religiões, artes, filosofia, sonhos, fantasias. Dá a noção, a todos, de que estamos ligados inseparavelmente à continuidade dos assuntos eternos da humanidade. O arquétipo é a fôrma de onde saem as mesmas idéias comuns a toda humanidade.

“Estamos tratando de tipos arcaicos, ou melhor, primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (Jung, [1933/1955] (2007), p. 16).

O arquétipo, em si, é incognoscível. Sua expressão se dá via símbolo e somente este pode ser conhecido. Ele só pode se tornar consciente, em parte, quando sua energia é ativada, a partir de alguma vivência que o mobiliza, e ele se apresenta ao indivíduo através de uma forma de expressão simbólica, ou seja, de uma imagem que se apresenta à consciência como a melhor forma de expressar o desconhecido naquele momento.

Quando surge a expressão simbólica, isto é, uma imagem arquetípica, esta se apresenta a consciência sob um dos aspectos do arquétipo, já que sempre é composto por um par de opostos. De um lado tem seu lado positivo e de outro o

negativo. Nos mitos isso se apresenta em forma de imagens como luz/escuridão, vida/morte, bem/mal, lua/sol, masculino/feminino.

É somente a partir da oposição que um conteúdo arquetípico pode ser apreendido. Esse processo de conscientização ocorre gradativamente já que o arquétipo está tão longe da consciência, na camada mais profunda da psique. Quanto menos discriminados, ou seja, menos conscientes mais unidos estão seus opostos. Por isso, muitas vezes, em mitos, sonhos, as figuras aparecem tão paradoxais expressando o arquétipo mais em sua real natureza.

“Mais próximo da consciência e percebido mais facilmente por ela é o fenômeno de um par de opostos, no qual duas coisas distintas participam, como aspectos complementares, de um único todo.” (Jaffé, 1995, p. 27).

Assim, uma extensa variedade de símbolos pode ser associada a um mesmo arquétipo: sejam positivos ou negativos. Todos nascemos com a tendência para formar certas imagens, mas a forma como essa imagem será formada vai depender de cada indivíduo, porém todos irão ter alguma imagem acerca daquele tema. Por exemplo, todos temos uma imagem materna, ela difere em sua essência em cada pessoa, mas a tendência a formar uma imagem de mãe é universal.

2.4. Arquétipo feminino

Dentre os arquétipos um importante para nosso tema é o arquétipo feminino. Ele diz respeito a características presentes, enquanto potencial, tanto na mulher quanto no homem.

Existem muitos símbolos que representam o feminino. Na filosofia chinesa existe o Yin, complemento do Yang, que representam os opostos, o escuro e a luz, a

terra e o céu, o feminino e o masculino. O Yin é o lado referente ao feminino, à terra, ao místico.

Outra representação do feminino é a lua, ligada ao subjetivo, à intuição, ao irracional, qualidades ligadas à fertilidade, receptividade, nutrição, ciclos, inclusive o menstrual e a gestação. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2005) a lua representa a dependência e o feminino, a transformação e o crescimento, a passividade, a noite, o inconsciente.

“(...) a mulher pertence à lua à maneira de uma típica *participation mystique*; isto surge da identificação inconsciente da mulher com a lua. A mulher se sabe ligada à lua e identificada com ela, em todas as experiências essenciais de sua existência, dependendo dela e fundindo-se com ela. O relacionamento da mulher com a lua está representado pelo relacionamento da lua com a terra e com a vida” (Neumann, 2000, p. 77).

A terra é outro símbolo possível do arquétipo feminino. Símbolo da fecundidade, da maternidade. Simboliza a função maternal, é capaz de dar, mas também rouba a vida, é nela que moram os mortos.

“Todos os seres recebem dela seu nascimento, pois é mulher e mãe, mas a terra é completamente submissa ao princípio ativo do Céu. O animal fêmea tem a natureza da terra. Positivamente, suas virtudes são doçura e submissão, firmeza calma e duradoura.” (Chevalier e Gheerbrant, 2005, p. 878).

Inúmeros símbolos podem ser associados ao arquétipo feminino: vaso, noite, serpente, todos aqueles que trazem em sua representação aspectos ligados a sensibilidade, agressividade, emoção, intuição, acolhimento, gestação, fertilidade, cuidado, transformação, inconsciência.

Na mitologia grega, as Deusas representavam diferentes maneiras de expressão do arquétipo feminino. Cada Deusa traz características que são encontradas em todas as mulheres, em maior ou menor grau, de acordo com a fase de suas vidas. Segundo Bolen (2005) as Deusas representam arquétipos que modelam o curso da vida da mulher.

Trarei um resumo de características das principais Deusas gregas: Ártemis, Atena, Héstita, Hera, Deméter, Perséfone, Afrodite, baseado nos livros de Woogler e Woogler (1989) e Bolen (1990).

Ártemis: deusa da caça e da lua, amiga e protetora da natureza e dos animais. Representa o aspecto feminino independente, da autoconfiança e da vontade de realização de coisas importantes a ela e também destrutiva e sanguinária no pólo negativo. Por gostar muito da natureza, prefere a vida no campo, a vida natural. Representa o lado biológico: menstruação, gravidez e parto. É uma deusa virgem, no sentido de se bastar a si mesma, de não precisar de uma relação para se firmar enquanto ser. Ela existe independente da relação com o outro: a convivência não é algo natural para ela. É muito firme em causas e princípios que acredita e luta por justiça. Adora sua liberdade. As mulheres Ártemis, ou seja, aquelas que possuem características marcantes dessa deusa, que são regidas por ela, prezam por tudo aquilo que lhe permitem ter uma vida plena do que mais admiram: liberdade e justiça.

Atena: deusa da sabedoria, da inteligência, da civilização, estrategista e prática. É o aspecto do arquétipo feminino relativo à razão, à lógica e à verdade. Sente-se muito bem na vida social e urbana. É uma deusa virgem, independente e autoconfiante. É 'filha do pai', não teve mãe, sendo defensora do patriarcado. Procura a companhia masculina com quem mantém relações de amizade e confidências, sem desenvolver sentimentos eróticos por eles. É companheira e conselheira dos heróis. Busca sempre o meio-termo e a justiça, é guerreira, argumentadora e tem a capacidade de apaziguar. É líder nata. Competitiva no mundo tipicamente masculino, nunca se intimida e assume responsabilidades e empreendimentos com segurança e confiança. Tem pouca relação com a feminilidade em todos seus aspectos.

Héstia: deusa da lareira, do fogo de dentro de casa. É a responsável por santificar o local em que se encontra, transforma onde está em um lar. É uma deusa virgem. Seu lugar é o lar, se concentra em questões subjetivas, em seu mundo interior. Bastante intuitiva, traz o foco para o que é essencial na situação. É o arquétipo da mulher sábia, ela é a mais velha das deusas, que com a experiência já adquiriu a calma e a moderação. É a expressão do contato com o si-mesmo. Quieta e reservada, aprecia a solidão. Não é reconhecida nem mesmo dentro do ciclo dos deuses em relação a sua importância, é a menos conhecida das deusas. A mulher Héstia sente-se, muitas vezes, desvalorizada, excluída, apesar de ter uma posição central na manutenção do lar.

Hera: deusa do casamento. É a esposa de Zeus e a rainha dos céus. Representa a união de opostos, a capacidade de estabelecer elo, de ser leal e fiel e passar por dificuldades com seu companheiro. O maior objetivo de uma mulher que se identifica com esse arquétipo é o casamento, sem o qual sente-se incompleta. Precisa admirar seu esposo e faz o possível para que ele alcance uma posição que considere relevante na sociedade e com isso sente muito orgulho. Sua entrega ao relacionamento é tão grande que ela praticamente deixa de existir enquanto ser e passa a ser a esposa de seu marido, onde sente plena satisfação para sua vida. É bastante controladora e ciumenta buscando proteção nos papéis sociais. É de se imaginar que caso uma mulher Hera rompa seu casamento ela perde toda sua estrutura o que pode ser positivo, pois ela terá que buscar atividades que a completem e a satisfaçam independente do outro.

Deméter: é a deusa mãe, nutridora, acolhedora. Da mesma forma que Hera se identifica com o casamento, a Deméter se identifica com a maternidade. A mulher Deméter é dedicada, prestativa, nutridora. Torna-se mãe de todos. Pode ser dominadora e castradora com seus filhos já que a assusta a idéia de perder o cuidado e o controle deles, de não ter mais com quem se preocupar, de quem cuidar, quem depende dela. Quando seus filhos deixam o lar essa mulher sofre muito, porém, como no caso da perda do casamento para a mulher Hera, essa transição natural da vida também é positiva para a mulher Deméter, já que precisa voltar-se para algo que a satisfaça além de seus filhos. Normalmente são atividades

ligadas ao cuidar e nutrir. Simbolicamente, Deméter representa tudo que se relaciona com a terra. Era a deusa dos cereais e das sementes.

Perséfone: a deusa filha, médium e mística. É filha de Deméter, a donzela que foi raptada por Hades, deus do mundo avernal, e que após sua descida ao mundo dos mortos deixa de ser Coré e torna-se Perséfone e transforma-se na misteriosa e intuitiva rainha absoluta do mundo da morte. As mulheres Perséfone são reservadas, reclusas com suas reflexões, sua comunhão com o mundo invisível. Sentem-se facilmente desprotegidas, já que constantemente são invadidas por sentimentos, pensamentos, intuições que fogem ao seu controle. Vivem constantemente com a ameaça de dissociação psíquica sentindo desespero e carecendo de afeição e realidade. Seu objetivo é aprender a lidar com os dois mundos: interno e externo, o visível e o oculto. Ela representa o ciclo da vida e morte, ela desce para o mundo dos mortos e sobe novamente ao mundo visível periodicamente. É importante para essas mulheres reconhecerem seu lado negro, oculto, sua sombra.

Afrodite: deusa do amor e da beleza. Sensual, busca gratificação através da beleza, dos sentidos. A mulher Afrodite sente-se normalmente muito a vontade com seu corpo, com sua sexualidade. Ela atrai as pessoas à sua volta com um magnetismo natural e inspira fantasias nos homens que a cerca. É impulsiva e adora seduzir, por isso pode ter uma certa dificuldade em estabelecer uma relação duradoura com alguém e ter que abrir mão de todas as outras possíveis seduções e aventuras amorosas. Ela ama tudo que desperta seus sentidos: perfumes, cores, música, comida.

Podemos perceber que algumas dessas deusas são naturalmente mais bem aceitas que outras. Hera, Héstia e Deméter são muito bem vindas na sociedade e as mulheres que tem esses arquétipos em destaque apresentam características de personalidade mais facilmente aceitas. Ser esposa, cuidadora do lar e mãe são aspectos do feminino amplamente aceitos e reverenciados em nossa cultura.

Já as mulheres Afrodite, Perséfone, Atena e Ártemis normalmente tem uma maior dificuldade de adaptação ao mundo, cada uma ao seu modo. Afrodite por suas conquistas amorosas e sua liberdade com seu corpo e Perséfone por sua

introspecção e retraimento social, além de Ártemis que não se adapta facilmente a cultura urbana. Hoje em dia, as mulheres Atena vem cada vez mais conquistando seu espaço mas, ainda é uma conquista parcial e do dia-a-dia.

“A desvalorização relativa da mulher real é dessa maneira compensada por traços demoníacos, na medida em que todos os conteúdos inconscientes se projetam sobre o objeto (...). A relativa desvalorização da mulher pressupõe que o homem, em certo sentido a quer menos, surgindo, em seu lugar, a mulher como ser perseguidor, isto é, como feiticeira.” (Jung [1921] (1991), p. 281).

É importante restituirmos a feminilidade em sua mais ampla dimensão: a Grande Deusa que abarca todas as qualidades divididas nas deusas acima. Segundo Whitmont (1991) “a nova e respeitosa atitude para com o feminino, em sua qualidade de mistério da transformação, exige a disponibilidade para estar atento e sensível aos sentimentos, necessidades e valores pessoais, tanto próprios quanto alheios.” (p. 212).

Esta nova mulher pode brincar e dançar como Ártemis, seduzir como Afrodite, ser maternal como Deméter, incentivar os ofícios como Atena ou permitir-se ser tocada por imagens profundas como Perséfone.

2.5. Arquétipo do Herói

Um outro arquétipo fundamental para esse trabalho é o arquétipo do herói. Ele representa a força interna que todos possuímos, homem ou mulher, como potencial a ser descoberto e utilizado quando necessário. O arquétipo do herói se constela junto com o ego, porém na fase da puberdade esse contato se intensifica sendo a jornada do herói o caminho para o alcance da maturidade com o fortalecimento egóico.

Nos mitos, contos, filmes e desenhos animados o herói é representado como um ser que possui capacidades até então desconhecidas que vem à tona no momento de necessidade, na hora da luta. O herói pode descobrir poderes ocultos em si mesmo, já que são filhos de uma mortal e um deus, e/ou contar com o auxílio de guardiões superiores que os orientam em sua jornada servindo de força egóica que ainda lhe falta. O herói tem um modelo de ego, um ego com propósito pelos quais luta ao mesmo tempo em que está muito conectado com sua essência, com o Self.

Durante sua jornada, o herói precisa se deparar e lutar com aspectos desconhecidos de si mesmo, simbolizado nos mitos pelo dragão. Segundo Henderson (1992), o dragão é a representação de tudo aquilo que é desconhecido, que causa medo, é a sombra do herói – geralmente seu aspecto feminino – com o qual ele precisa entrar em contato para dele retirar a força que necessita incorporar ao seu ego, ampliando sua consciência. O herói é aquele que contribui não só para uma ampliação na consciência individual, mas também coletiva, no sentido que traz à sociedade as mudanças necessárias, ampliando a consciência cultural.

É através dessa jornada que o herói contata sua verdade mais profunda caminhando em seu processo de individuação. É um processo natural em todos nós que precisa ser vivido para incorporar aspectos, até então, desconhecidos de nossa personalidade enriquecendo nossa vida. O legado do herói é a transformação e ampliação da consciência e o esforço para uma renovação social e cultural que consegue à partir da sua jornada, que se caracteriza por sair de uma situação confortável, vencer os obstáculos, em busca de sua própria individualidade e da individuação do Self cultural.

Após a batalha da jornada o herói salva a princesa e se une a ela. O casamento simboliza a união de logos e Eros, razão e emoção, a descoberta e o contato com o feminino na psique masculina e o masculino na psique feminina. É o contato com sua verdade mais profunda, com a integração de aspectos antes desconhecidos à psique consciente que ocorre tanto no desenvolvimento do homem quanto da mulher.

2.6. *Anima* e *Animus*

O feminino e o masculino são atributos psíquicos presentes em toda humanidade, mulheres e homens. A *anima* é o arquétipo que representa o feminino no homem e o *animus* a representação masculina na mulher.

Anima/us é um termo latino que significa animar, dar vida. *Animus* é espírito – Logos. Sua função psicológica é estabelecer uma relação entre a consciência e o inconsciente coletivo permitindo que o ego entre em contato com conteúdos profundos da psique a fim de caminhar em seu processo de individuação abarcando as potencialidades em sua consciência. Esse arquétipo é a ponte entre o ego e o mundo interno, arquetípico, é através dele que acessamos o nosso mundo interior, nossa verdadeira essência.

“A *anima* é o arquétipo da vida (...) pois a vida se apodera do homem através da *anima*, se bem que ele pense que a primeira lhe chegue através da razão. Ele domina a vida com o entendimento, mas a vida vive nele através da *anima*. E o segredo da mulher é que a vida vem a ela através da instância pensante do *animus*, embora ela pense que é o Eros que lhe dá vida. Ela domina a vida, vive, por assim dizer, habitualmente, através do Eros; mas a vida real, que é também sacrifício, vem à mulher através da razão, que nela é encarnada pelo *animus*” (Jung, 1985, p. 352).

O modo como essa integração acontece usualmente é através do resgate da projeção que ocorre nas relações com pessoas do sexo oposto durante toda a vida: pai, irmão, tio, professor na mulher, e mãe, irmã, tia, professora no homem e mais tarde nas relações amorosas estabelecidas. Projeção é um mecanismo de defesa em que o ser humano enxerga conteúdos penosos ou positivos seus na outra pessoa por serem incompatíveis com a sua personalidade. Ao se relacionar com outra pessoa aspectos da personalidade não conhecidos ou não aceitos são projetados nela e podem ser novamente reintegrados à consciência quando a pessoa percebe que aquele aspecto faz parte de sua personalidade. É através da

projeção que a pessoa pode perceber que determinada atitude, pensamento, sentimento, valor é seu, pertence a sua personalidade e não ao companheiro.

No homem o desenvolvimento da anima influi na maneira dele se relacionar com os outros, em especial, com as mulheres. O arquétipo da anima representa os instintos, a terra, a emotividade, a conexão profunda com as pessoas. São as imagens inconscientes que o homem possui da mulher. Quando pouco integrado à consciência esse arquétipo gera estados alterados de humor no homem, enxurradas de afetos indiscriminados. Este homem tem variadas alterações de humor, é melancólico, inseguro e retraído e apresenta dificuldades em seus relacionamentos. A anima não aceita se faz presente de forma destrutiva.

O mesmo ocorre com as mulheres em relação ao seu potencial masculino. O animus representa a racionalidade, a capacidade de julgar, a objetividade, a justiça, a organização, a moral. Ele impulsiona a mulher para agir, fornecendo energia e poder de decisão. O animus pouco integrado à consciência toma a mulher, da mesma forma que a anima toma o homem, e a torna preconceituosa, agressiva, repressora, dogmática, argumentadora e generalizadora buscando sempre ter a última palavra.

Emma Jung [1934] (1995) afirma que quando o animus e a anima são integrados à consciência eles se tornam um potencial criativo acarretando uma ampliação da personalidade e um relacionamento melhor com as pessoas, assim como com outras partes da própria psique.

2.7. Persona e Sombra

Para garantir a saúde psíquica as muitas partes em que consiste a psique precisam conversar entre si. Um dos pares de estruturas psíquicas fundamentais e complementares da psique humana são a sombra e a persona. Essas duas estruturas se formam na medida em que o ego se estrutura e são influenciadas pelo

meio em que somos criados: a família, a sociedade, a escola, o grupo social e tudo o mais que faz parte de nossas vivências.

Persona significa 'máscara do ator' e refere-se aos papéis que desempenhamos no mundo, a pessoa tal como apresentada nas mais diversas facetas sociais. É uma construção da psique adotada para um fim específico, de adaptação social. É extremamente necessária para o desenvolvimento do indivíduo, já que possibilita atuações coerentes com o meio em que se encontra, porém traz problemas para a pessoa caso ela confunda sua verdadeira essência com seu papel social.

“ A persona (...) é o sistema de adaptação ou a maneira por que se dá a comunicação com o mundo. Cada estado ou cada profissão, por exemplo, possui sua persona característica (...) O perigo está, no entanto, na identificação com a persona; o professor com seu manual, o tenor com sua voz... Pode-se dizer, sem exagero, que a persona é aquilo que não é verdadeiramente, mas o que nós mesmos e os outros pensam que somos.”
(Jung, 1985, p. 357).

Caso a pessoa se identifique com sua persona, ou seja, não mais perceba sua individualidade, pautando suas atitudes em determinada máscara social, ocorre uma rigidez em sua personalidade. Essa pessoa não se diferencia do papel que representa e passa a esperar que os outros ajam como ela. Não há uma separação do ego com seu papel social e a pessoa sente-se totalmente desamparada quando esse papel, por qualquer motivo, deixa de existir. Por exemplo, uma mulher casada e identificada com o papel de esposa ou um indivíduo identificado com seu papel profissional e que, por algum motivo, perde esse status, passa agora a não ter referência para sua vida.

Tanto a fixação no aspecto puramente coletivo quanto a incapacidade de aceitar qualquer exigência social trazem dificuldades no desenvolvimento da personalidade da pessoa. Uma persona adequada possui amplitude para expressar

tanto aspectos socialmente apropriados quanto para ser, ainda assim, uma verdadeira expressão da personalidade.

Assim como a persona é desenvolvida com o objetivo de facilitar a adaptação social do indivíduo, a sombra se forma a partir de conteúdos não aceitos pela personalidade consciente. Como a psique procura um equilíbrio energético entre seus conteúdos para garantir sua saúde, podemos entender que quanto mais rígida for a persona, maior será a tendência a uma regulação interna através da sombra.

Sombra é toda parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal por ser oposta aquilo expresso por ele. Ela abarca tudo que consideramos inferior e inaceitável em nossa personalidade além daquilo a que não damos importância e não desenvolvemos em nós mesmos. Assim, ela contém tanto questões desagradáveis quanto potenciais de nossa personalidade não abarcados pela nossa consciência.

“A sombra é (...) aquela personalidade oculta, recalcada, freqüentemente inferior e carregada de culpabilidade, cujas ramificações extremas remontam ao reino de nossos ancestrais animais, englobando também todo o aspecto histórico do inconsciente. Se, antes, era admitido que a sombra humana representasse a fonte de todo mal, agora é possível, olhando mais acuradamente, descobrir (...) um certo número de boas qualidades, instintos normais, reações apropriadas, percepções realistas, impulsos criadores, etc” (Jung, 1985, p. 359-360).

Perceber a sombra implica em questionar a maneira como se enxerga, sua persona: hábitos, crenças, valores o que gera medo e insegurança. Traz conflito na personalidade vigente, já que é necessário abarcar dois opostos, mas leva ao crescimento, faz parte do caminho de individuação da pessoa. A integração consciente de aspectos da persona, segundo Hall (1983), tem o efeito de ampliar a esfera egóica e liberar a energia que era usada na repressão dos conteúdos abarcados para ser usada em outras áreas. Assim, integrar aspectos da sombra

permite à pessoa uma maior consciência de si mesma, um contato com sua verdadeira essência e mais energia e autonomia em sua vida.

“(...) a sombra é a porta para nossa individualidade. Uma vez que a sombra nos apresenta nossa primeira visão da parte inconsciente da nossa personalidade, ela representa o primeiro estágio para encontrar o self. De fato, não há acesso ao inconsciente e à nossa própria realidade a não ser através da sombra.” (Whitmont, 1969, p. 148).

Quando trazido à consciência, o material da sombra perde muito da sua natureza negativa, deixa de provocar medo, já que não é mais desconhecido abrindo a porta para o auto-conhecimento e nos apontando nossa verdadeira essência.

2.8. Adolescência

A adolescência é compreendida como um período revolucionário no âmbito pessoal e familiar que pode ser comparado à trajetória do herói por ser um momento que traz a conquista de independência e identidade pessoal, com a conseqüente separação da simbiose entre pais e filhos, típica da infância, além do sacrifício do período da infância e do corpo infantil. Esse período abarca a passagem do tempo e traz para os pais a consciência da finitude o que exige mudança de papéis familiares e uma fase de ativação da experiência dos arquétipos da anima e do animus.

Na psicologia analítica, a trajetória do adolescente pode ser comparada a uma jornada heróica e principalmente é uma fase de ativação dos arquétipos da anima e animus. A influência desses arquétipos que regem a adolescência é muito grande e fornecem condições necessárias para a nova fase de desenvolvimento do ego. A ativação desses arquétipos introduz o ciclo de alteridade que se inicia através da polarização entre dinamismos matriarcal e patriarcal que possibilita uma nova experiência na relação eu-outro.

“É comum o adolescente simbiotizar com um membro da família e a sua própria patota para polarizar com outros membros e, finalmente, se relacionar dialeticamente.” (Byington, 1988, p. 73).

Byington (1988) afirma que na sociedade patriarcal, antes das mudanças pós 2ª Guerra Mundial, que trouxeram maior incremento da alteridade, a crise da adolescência era muito forte, mas não repercutia na vida adulta. Os jovens homens dessa época repetiam os costumes paternos ao entrar na vida adulta, com os mesmos erros, como se não tivessem integrado nada de sua anima e as jovens mulheres não experimentavam nenhuma crise por serem muito mais limitadas e pouco favorecidas na vivência da alteridade em seu processo de individuação feminina. Isso propiciava uma falta de vivência dos arquétipos fundamentais da adolescência e uma dificuldade de maturação psíquica e social. Após a década de 60, começa a haver uma maior integração de aspectos da alteridade que resulta em melhores relações entre as pessoas como seres individuais e únicos.

O melhor caminho para o desenvolvimento da consciência é propiciar que o padrão de alteridade se expresse tanto no adolescente quanto nos pais em seus relacionamentos e em suas psiques. Um bom relacionamento, baseado na alteridade, entre pais e filhos é estritamente necessário para a elaboração produtiva da crise da adolescência dos filhos que precisa polarizar para se diferenciar. É através da constelação do animus e da anima que se torna possível identificar os pais como pessoas, o que é necessário para a diferenciação de identidade de cada ser.

Assim, a família é essencial nessa fase por abrigar amor, identificação e dependência que precisam ser elaborados para a estruturação da psique madura. Caso a família não seja continente, adequada, limitando o adolescente punitivamente ou o deixando excessivamente em liberdade (o que é sentido como abandono) é possível que a adolescência não consiga se expressar no momento certo e irrompa mais tarde ou que propicie ações extremadas de rebeldia com desestrutura de personalidade.

Para os pais essa fase é complicada já que traz a necessidade de enfrentar o envelhecimento e a morte, de ter que abandonar a imagem idealizada criada pelos filhos e aceitar uma nova relação em que se faz presente a crítica e a ambivalência. Caso seja aceita e vivenciada a fase da adolescência possibilita mudança e desenvolvimento pessoal e psicológico para ambas as partes, mas muitas vezes, os pais enrijecem suas posições e impedem a transformação necessária da adolescência e da conseqüente integração do Self familiar.

É uma fase transformadora de desenvolvimento e estruturação de personalidade por parte do adolescente e do sistema familiar que pode sair muito transformado dessa experiência com melhores relações de alteridade estabelecidas.

2.9. Individuação

A individuação é um dos principais conceitos da psicologia analítica. Refere-se ao processo de integração de partes inconscientes e conscientes da personalidade em direção à totalidade. É o processo de tornar-se unificado, indiviso e integrado.

“De modo geral, pode-se dizer que a individuação é o processo de constituição e particularização da essência individual, especialmente, o desenvolvimento do indivíduo – segundo o ponto de vista psicológico – como essência diferenciada do todo, da psicologia coletiva. A individuação é, portanto, um processo de diferenciação cujo objetivo é o desenvolvimento da personalidade individual” (Jung, [1921] (1991), p. 525).

A individuação, ou seja, a tendência a tornar-se si mesmo é algo natural e intrínseco a todo indivíduo. Para que possamos cumprir nosso processo de individuação, nos constituindo como seres humanos integrados, precisamos descobrir nossa própria essência, nossa verdadeira individualidade. Um erro comum,

segundo Jung (1985), é confundir a tomada de consciência de quem se é realmente com egocentrismo já que quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos mais nos relacionamos com o mundo de forma completa: “A individuação não exclui o universo, ela o inclui” (p. 355).

A individuação é um processo natural e necessário ao pleno desenvolvimento do indivíduo e o inconsciente nos transmite o caminho a seguir através de sonhos, imagens, situações de vida que precisam ser apreendidos e incorporados à consciência para que esse processo ocorra de forma satisfatória. Caso não sejam percebidos os sinais do inconsciente, não ocorre a ampliação da consciência. Os conteúdos que precisam ser abarcados para que o processo se realize continuam invadindo a consciência de formas mais negativas: doenças, acontecimentos dramáticos na busca do equilíbrio psíquico necessário a todos.

O objetivo da individuação é reintegrar os aspectos que durante o desenvolvimento foram separados: ego, Self, sombra, anima, animus e outros arquétipos. É buscar a realização do si-mesmo, ou self, de quem se é na essência com um diálogo contínuo entre o ego e o self. O processo de individuação nunca é plenamente alcançado, pois sempre teremos conteúdos inconscientes a serem integrados à consciência, mas é necessário buscar a melhor realização possível de si mesmo.

É através desse processo, de um maior contato com o Self, que vamos nos conhecendo, retirando nossas máscaras e as projeções que lançamos no mundo e integrando-as em nossa personalidade de onde surge o sentimento de pertencer a uma totalidade, de um sentido maior de vida.

2.10. Totalidade e Self

Self é o centro ordenador e unificador da psique que abarca tanto o inconsciente quanto a consciência na busca do equilíbrio e da integridade. É o centro da totalidade da mesma forma que o ego é o centro da consciência.

O Self conecta a pessoa no centro de si mesma, na busca de sua verdadeira individualidade ao mesmo tempo em que mantém a pessoa ligada a um centro transcendente, que vai além do indivíduo e abarca a totalidade. Ele garante o sentimento de totalidade que é a sensação de ter alguma meta na vida.

Para que o Self possa se atualizar na vida do indivíduo e garantir a saúde psíquica necessária, o ego precisa estar forte o suficiente para que consiga ao mesmo tempo trazer à consciência aspectos do inconsciente, ampliando a vida psíquica, e se manter adaptado ao mundo externo. Para que o ego se torne forte o suficiente para mediar os dois mundos, consciente e inconsciente, ele precisa se diferenciar do self, de onde surge no início da vida.

Num momento posterior, em especial, na segunda metade da vida, o ego precisa fazer o caminho oposto, de voltar-se para seu centro, o Self, na busca de uma integração psíquica que garanta o sentimento de totalidade, de pertencer a algo maior, de nunca estar sozinho. Essa conexão ego-Self mantida transmite estrutura, segurança egóica, energia e propósito de vida.

Caso isso não ocorra, quando existe uma quebra no eixo ego-Self, na comunicação entre eles, o sofrimento é inevitável. Surge o vazio, o desespero, a falta de sentido na vida. A pessoa sente-se perdida no mundo, não percebe sua real essência, seu destino, não se conhece profunda e realmente.

“O desenvolvimento de uma vida processa-se em dois planos distintos, em duas dimensões distintas da realidade: o primeiro plano é constituído pelas percepções da vida do indivíduo, suas motivações e ações. O segundo

plano ultrapassa o individual, as relações de significado são o que caracterizam as ocorrências.” (Pereira, 1998, p. 38).

A noção de totalidade implica na tentativa da psique de integrar as várias partes, no desenvolvimento de uma atitude que interrelacione a realidade visível e a invisível que permite o sentimento pleno de ser no mundo. Essa interrelação ocorre constantemente com o objetivo de integrar novos conteúdos vistos como opostos na psique, possibilitando uma nova visão da vida que não mais exclua os opostos e sim que abarque o que era antes considerado divergente como uma única realidade, como uma totalidade.

Essa conexão entre os dois mundos, consciente e inconsciente, visível e invisível, se dá de forma contínua, em um movimento contínuo de mudanças que contempla a atualização de uma nova ordem de dentro para fora e de fora para dentro. O movimento da vida, que egoicamente é sentido como caos, desordem, é na verdade, dentro da visão unitária, o estabelecer de uma nova ordem mais abrangente a cada novo momento.

“Os desarranjos que possam ocorrer sinalizam que estamos nos movendo frente a uma nova ordem. O caos, a desordem fazem parte do equilíbrio da vida.” (Pereira, 1998, p. 109).

Esse fluxo contínuo entre os opostos se apresenta a nós através das produções simbólicas: sonhos, fantasias, mitos, ritos, produções artísticas. É através do símbolo que o inconsciente se atualiza na consciência trazendo o enriquecimento psíquico necessário à vida do indivíduo.

2.11. Símbolo e abordagem simbólica

Símbolo vem da palavra grega Symbolon que significa sym= junto/com e bolon= aquilo que foi colocado junto. Os gregos relacionavam às duas metades de um objeto. Segundo Edinger (1995) antigamente as pessoas dividiam entre si duas partes de um mesmo objeto como sinal de compromisso em relação a algo. Ao serem unidas as duas metades comprovava a veracidade do acordo e a identidade do outro.

O sentido de símbolo na abordagem junguiana vem dessa definição grega e também significa a junção de duas partes: o inconsciente e o consciente. A psicologia analítica acredita que o símbolo é algo natural da alma do ser humano, surgindo do conflito psíquico inconsciente e consciente, visível e oculto, da necessidade da psique de unir os opostos, de realizar a função transcendente. Quando a distância entre o inconsciente e o consciente está muito grande trazendo prejuízos a saúde psíquica a psique, de forma autônoma, procura o equilíbrio entre os dois lados para que a tensão psíquica volte a um nível saudável, pois caso a função não existisse traria conseqüências danosas para o ser humano como a psicose. Esta se dá quando conteúdos inconscientes não elaborados pelo ego ganham tanta força que acabam eclodindo e suprimindo a vontade egóica.

“Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou imagem têm um aspecto ‘inconsciente’ mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. (...). Quando, com toda nossa limitação intelectual, chamamos alguma coisa de ‘divina’, estamos dando-lhe apenas um nome, que poderá estar baseado em uma crença, mas nunca em uma evidência concreta.” (Jung, 2002, p. 20-21).

Essa função autônoma da psique que busca o equilíbrio através da integração de opostos trazendo o lado inconsciente mais próximo da consciência através da produção simbólica é chamada de função transcendente. Símbolo é o resultado da

função transcendente, é a vestimenta do arquétipo que traz o necessário, naquele momento, para o enriquecimento da consciência garantindo a saúde psíquica.

O símbolo está relacionado à saúde psíquica pois quando ele surge significa que ocorreu a interação e integração entre opostos vindos do inconsciente e da consciência, sua função mediadora, e gerou algo inédito até agora ao indivíduo, porém necessário ao seu processo de individuação que carecia do novo para continuar se desenvolvendo.

O símbolo sempre traz o novo, o inédito e é inesgotável, já que sua origem é arquetípica. Quando seu significado se esgota na consciência, ele se torna um signo, seu potencial retorna ao inconsciente até emergir sob nova roupagem e cheio novamente de significado. O inconsciente, o arquétipo, fornece a forma que é preenchida por aspectos conscientes tornando-se perceptível, já que o arquétipo, em si, é oculto e só pode ser inferido através de suas imagens simbólicas: sonhos, mitos, contos, artes.

“Ao ser ‘tocado’ pelo consciente, o arquétipo por se pode se tornar manifesto e receber uma forma (...). A vestimenta do símbolo, na qual se torna visível, varia e se modifica conforme as circunstâncias internas e externas do homem e do tempo. Do contato com a consciência de uma coletividade e sua problemática nascem os símbolos coletivos (como, por exemplo, uma mitologia) e do contato com uma consciência individual e seus problemas nascem os símbolos individuais (como, por exemplo, a imagem de uma bruxa com as feições da mãe da pessoa).” (Jacobi, 1990, p. 107-108).

Como qualquer produção do inconsciente, os mitos e contos de fadas abrem acesso direto ao inconsciente coletivo e nos ensinam sobre os perigos, desafios e conquistas humanas. Byngton (2004), no prefácio do livro de Mitologia Grega, nos relata que os mitos são depositários dos símbolos culturais, provenientes da relação entre o inconsciente e o consciente da humanidade, que auxilia na manutenção da identidade de um povo. Eles ensinam caminhos, apontam saídas e servem de

alimento para a consciência cultural se voltar em um determinado momento e poder se expandir em seguida.

“Quando um mito é interpretado, intelectual ou intuitivamente, isso pode resultar em alcance novo de compreensão. Um mito é como um sonho do qual nos lembramos, até mesmo quando não é compreendido, porque ele é simbolicamente importante.” (Bolen, 1990, p. 27).

Os mitos e os contos de fadas passados de geração em geração por contadores de histórias, de pais para filhos, foram substituídos pelos meios de comunicação em massa como o cinema e a televisão e são eles quem transmitem e perpetuam atualmente histórias que fazem sentido à humanidade. Os filmes, desenhos animados, novelas, histórias em quadrinhos nos dias de hoje é que fazem esse papel. Antigamente isso era percebido pela maior ou menor atenção que uma história despertava e pela repercussão que tinha, hoje, a audiência e a bilheteria respondem à essa questão. Os mitos encarnam a conquista da individualidade do ser humano.

Cabe a cada indivíduo olhar e buscar compreender e integrar à consciência e à vida o novo que o símbolo apresenta. Whitmont (2006) aponta que a dificuldade que temos hoje de aceitar, de nos conscientizar das nossas experiências simbólicas pela ênfase no pensamento racional faz com que negligenciem aspectos emocionais e intuitivos do ser humano tão necessários ao pleno desenvolvimento do indivíduo quanto a racionalidade.

Segundo Jung, a intuição, a emoção e a capacidade simbólica são tão essenciais ao ser humano quanto a percepção dos sentidos e a razão. A razão somente é incapaz de lidar com o mundo do inconsciente, já que esse é imperceptível, e para que o indivíduo possa apreendê-lo é necessário o contato com a linguagem simbólica que traz o novo a ser vivenciado.

A leitura simbólica, assim, permite o diálogo entre consciente e inconsciente levando a uma menor unilateralidade. Em nossa sociedade vemos a necessidade urgente da integração de aspectos femininos, subjetivos, afetivos. A necessidade das pessoas descobrirem e darem importância a sua vida simbólica tão necessária ao pleno desenvolvimento de cada um e da própria sociedade.

O símbolo nos leva à parte que falta do homem inteiro, cura a divisão, a alienação, nos põe em relação com nossa fonte transpessoal, que garante um sentido de vida.

CAPÍTULO III – MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa qualitativa que busca compreender e interpretar um fenômeno específico utilizando, para isso, a relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto da pesquisa. Diferente da pesquisa quantitativa, que se preocupa com generalizações e leis, a pesquisa qualitativa envolve relação, troca e participação através do contato do pesquisador com a realidade, sendo este um participante envolvido intimamente com sua pesquisa.

Essa postura de pesquisa em que o pesquisador é um agente de construção do conhecimento requer que ele tenha uma atitude de participação e envolvimento com o objeto estudado onde cada relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado é única e não requer generalizações e quantificações para ser interpretado.

O embasamento teórico que fundamenta essa pesquisa é a abordagem junguiana que utiliza o método de investigação simbólico arquetípico considerando tanto os conteúdos manifestos quanto os não manifestos vinculando a realidade concreta e a abstrata. Penna (2003) esclarece que nesse método o fundamento é o arquétipo que, através de suas manifestações simbólicas, permite conhecer o desconhecido, ampliando a consciência. É uma perspectiva metodológica que abarca a apreensão e compreensão dos eventos simbólicos arquetípicos.

O pensamento simbólico visa elucidar, enriquecer, ampliar os significados ocultos do símbolo, a fim de integrá-los à consciência. É através da amplificação que o material simbólico é compreendido pela psicologia analítica.

Jung declara que essa forma de trabalho metodológico requer do pesquisador uma abertura para o desconhecido, já que ele é o portal de passagem do oculto ao concreto sendo o símbolo o instrumento através do qual o inconsciente se manifesta. A aproximação entre o sujeito e o objeto da pesquisa é que permite que os conceitos

teóricos e os dados observados possam, por aproximações sucessivas entre as partes, se interligar.

É importante, assim, que o pesquisador observe sua postura e perceba o momento certo de se aproximar e se envolver com os dados e o momento de se distanciar para não comprometer a análise.

“A metodologia assim vivida constitui-se num trabalho que é a resultante da conexão entre a experiência manifesta e a experiência não-manifesta, entre a dimensão pessoal e universal, num jogo incessante entre as várias dimensões do ser, o que possibilita trazer a experiência de Self à vida concreta.” (Pereira, 1999, p. 95).

Essa abertura ao desconhecido vem se alinhar com a crescente crítica das ciências contemporâneas ao extremo racionalismo científico passando, com a chegada dos métodos qualitativos, a interagir com o objeto estudado e a abordar aspectos não racionais.

O recurso metodológico escolhido para realizar essa pesquisa foi a utilização do filme “Mulan”, 36º longa-metragem de animação dos estúdios Disney, lançado em 1998. O filme foi extraído de um poema clássico da literatura chinesa, cantado pelas crianças desde o século V chamado *Poema ou Balada de Mulan*.

A escolha do filme se deu por duas razões: em primeiro lugar por sua história ter como personagem principal uma menina em processo de amadurecimento em um sistema onde o patriarcado ainda é muito forte, mas vem sendo questionado. Mulan é uma menina que tenta se adequar ao sistema vigente, mas percebe que sua verdadeira essência está além do que é imposto pela sociedade. E, em segundo lugar, por entendermos que os filmes cinematográficos são veículos modernos de expressão dos temas arquetípicos.

Assim, o filme escolhido pode ser considerado com um conto atual onde o tema arquetípico do desenvolvimento feminino ocorre através da personagem Mulan que apresenta uma nova maneira de viver esse feminino. A seguir será apresentada um resumo do filme, o procedimento para a coleta de dados e a forma de análise do filme.

3.1. – *Resumo do Filme*

O filme se inicia com a invasão da China pelos Hunos, o exército inimigo, e a decisão do Imperador em recrutar um homem de cada família para lutar e defender o país.

É o dia em que Mulan se apresentará na casamenteira. Seu pai reza aos ancestrais para que Mulan consiga impressioná-la e possa honrar a família com um bom casamento. Ela faz suas atividades do dia-a-dia e chega atrasada na cidade aonde irá se arrumar para se apresentar à casamenteira. Mulan alimenta os animais de forma criativa: amarra na frente de seu cachorro um osso de forma que ele corra para alcançá-lo deixando um rastro de alimentos pelo caminho para os animais. Sua mãe e avó já a aguardam na cidade. Tenta decorar as regras da boa esposa, mas não consegue e escreve em seu antebraço essas regras: ser pontual, obediente, boa, calma.

Recebe de sua avó o grilo da sorte. Na casamenteira tudo acontece de forma errada: o grilo foge, derruba o chá, as regras escritas a caneta borram e passam para a mão da casamenteira que acaba se sujando e ela é expulsa de lá. Fica muito triste e passa pela primeira crise de sua vida onde percebe que sendo ela mesma não honrará sua família. Reza e pede aos ancestrais que revele quem é de verdade. Seu pai aparece e conversam. Ele a compara a uma flor que ainda irá desabrochar e, com isso, ela fica melhor.

Chega a cavalaria para recrutar os homens das famílias para a guerra. Seu pai tem um problema na perna e usa uma bengala, problema adquirido em outra guerra, mas se apresenta para lutar. Mulan interfere e diz que não é justo, mas seu pai manda que se cale. Na mesa do chá novamente expressa sua opinião e seu pai diz que precisa saber se colocar em seu lugar. Ela se esconde e observa seu pai treinando com a espada até o momento em que cai com seu peso. Em seguida, vê sua mãe sair chorando após uma conversa com o pai na noite anterior à sua ida à guerra. Assim, Mulan decide que irá à guerra no lugar de seu pai.

Vai ao oratório, reza, corta os cabelos, veste-se como soldado e sai para a guerra com seu cavalo: Khan. Sua avó percebe que fugiu e acorda os pais de Mulan. Seu pai percebe que ela foi em seu lugar e diz que não poderá ir atrás dela, pois se descobrirem que é uma mulher, a matarão.

Sua avó vai ao oratório e pede que os ancestrais a protejam. Os ancestrais das duas famílias, pai e mãe de Mulan, acordam Mushu, um pequeno dragão, e mandam que acordem o guardião da família que descansa na estátua fora do templo. Mushu tenta convencer a deixá-lo ir proteger Mulan, mas é impedido, pois já teve sua chance e deixou que seu protegido morresse. Ele tenta acordar o guardião, mas quebra sua estátua e decide ir em seu lugar, fingindo, aos ancestrais, ser o guardião e, acreditando que caso consiga trazê-la de volta sã e salva, restituirá seu lugar de protetor da família.

Na saída de Mushu aparece o grilo da sorte, Gri Li, que diz que irá com ele. Encontram Mulan e se apresentam como seu protetor na jornada. Decidem que seu nome será Ping. Chegam ao acampamento de guerra e Mulan se apresenta como Ping. Por não saber como se comportar enquanto homem arruma confusão e os homens se agridem.

Shang é nomeado pelo general, seu pai, como capitão de guerra e começa o treinamento de seus homens. O conselheiro do imperador é contra essa nomeação e duvida que Shang conseguirá realizar um bom treinamento. Após um tempo de treino, Mulan consegue realizar as atividades propostas por Shang, inclusive subir em uma tora de árvore muito alta com dois pesos nas mãos. Novamente, com

criatividade, descobre uma forma desses pesos a ajudarem na tarefa. Todos se surpreendem com ela.

No caminho para a guerra, Mulan é apresentada ao mundo dos homens: a agressividade, a maneira como falam das mulheres. Torna-se muito próxima de três soldados: Chien Po, Ling e Yao. Ao chegar ao primeiro destino, a aldeia em que o general, pai de Shang, está percebem que já foi arrasada e mataram todos, inclusive o general.

Saindo de lá, Mushu acaba denunciando a posição da tropa o que propicia que os Hunos os achem e Mulan leva a culpa. Shang percebe que o exército inimigo é muito grande e manda Mulan atirar no sentido de Shan Yu – líder dos Hunos, mas ela decide fazer de outra forma: atirar no sentido de uma montanha de gelo para que aconteça uma avalanche e pegue todo o exército. É isso que ela faz e realmente destrói o exército inimigo, sendo cada vez mais respeitada pelos colegas e por Shang.

Salva seu exército e a vida de Shang. Quando todos já estão a salvo, Shang percebe que Mulan está sangrando e ela desmaia. Um médico a examina e descobre que é mulher. Shang vai até ela, mas decide não matá-la, já que ela salvou sua vida. Diz que sua dívida está paga, estão quites, mas a expulsa do exército. Nesse momento ocorre a segunda crise de Mulan que se questiona sobre o que a fez ir à guerra realmente. Ela decide voltar para casa.

Mulan descobre que o exército dos Hunos não morreu e que pretendem atacar novamente. Vai atrás de Shang para avisá-lo já que estão voltando para a cidade imperial como heróis, mas Mulan não é ouvida. Ela tenta avisar outras pessoas, mas ninguém a ouve. Os Hunos aparecem e seqüestram o Imperador.

Os soldados e Shang tentam com força física abrir a porta do castelo do Imperador, mas Mulan percebe que somente com criatividade conseguirão fazê-lo. Tem uma idéia e os soldados aceitam fazer parte dela. Todos se vestem como mulher e escalam o palácio. Seduzem os soldados inimigos e com a ajuda de Gri Li e Mushu, que finge ser o grande dragão, derrotam o exército dos Hunos.

Mulan é chamada pelo Imperador que garante conhecer sua história. O conselheiro diz que por ser mulher não é digna de estar ali, porém Shang lembra ao Imperador que ela é uma heroína. O Imperador faz com que todos se curvem a ela e lhe entrega dois símbolos de sua vitória: o selo Imperial e a espada de Shan Yu. Esses símbolos, segundo o Imperador, são para que sua família saiba o quanto a honrou e para que o mundo saiba de seu feito. Ela abraça o Imperador que aceita seu abraço, apesar de se assustar de início, e os soldados que para se despedir.

O Imperador diz a Shang que a flor que desabrocha na adversidade é a mais bela e rara de todas. Ela volta para casa e abraça seu pai. Sua avó diz que deveria ter trazido um homem da guerra e não um selo e uma espada. Aparece Shang que é convidado para jantar. Mushu recebe dos ancestrais seu posto de guardião de volta por ter conseguido proteger Mulan. Mushu e Mulan se despedem, após ela agradecer sua ajuda.

3.2 - Procedimento para a Coleta de Dados

O filme foi dividido em 3 momentos objetivando uma melhor observação dos dados referentes ao processo de desenvolvimento do feminino representado no filme.

1ª. FASE: início do filme com a invasão da China por um exército inimigo e a convocação de homens para compor o exército. Até esse momento Mulan, uma adolescente, tenta se adequar a sociedade para ser considerada uma boa esposa e poder honrar sua família com a garantia de um bom marido. Não consegue se adequar e se questiona sobre quem realmente é. Seu pai é convocado para o exército a despeito de sua perna machucada por outra guerra. Mulan desrespeita as regras de separação homem/mulher. Na convocação fala na presença de outros homens, na mesa de chá briga por não achar justo o pai ter que ir novamente à guerra estando machucado o que culmina na sua ida à guerra no lugar de seu pai, fingindo ser homem.

2ª. FASE: início da jornada de Mulan como Ping. Nessa jornada, Mulan conta com a ajuda de guardiões divinos. Descobre uma forma original de realizar uma atividade imposta pelo comandante. Durante a guerra com criatividade vence uma batalha agindo de forma oposta ao que o comandante havia ordenado. É ferida nessa batalha e descobrem que é uma mulher. É expulsa do exército por ser mulher, mas não é morta, como manda a regra, e decide voltar para casa. Então, descobre que o comandante do exército inimigo está vivo e planeja atacar a cidade imperial da China. Na invasão Mulan traça planos originais e astutos para vencer o inimigo o que, de fato, ocorre e salva a China tornando-se uma heroína.

3ª. FASE: Retorna a casa com a honra restabelecida de sua família e inicia um possível romance com seu comandante.

A partir dessa divisão, cada momento do filme foi analisado com base na teoria proposta no trabalho levantando associações teóricas e amplificações buscando a interpretação simbólica do filme.

CAPÍTULO IV – LEITURA SIMBÓLICA

4.1. - *Descrição dos Personagens*

Mulan: Garota sem idade relatada no filme, mas com características de adolescente. É filha única e mora com os pais e a avó. É muito amorosa e criativa, desde o início resolve situações cotidianas com criatividade. Não consegue se adequar ao esperado pela sociedade patriarcal e sofre com isso. Na guerra, veste-se de soldado, fingindo ser homem, para ir à guerra no lugar de seu pai. Como soldado adota o nome de Ping.

Shan Yu: Comandante do grande exército inimigo, os Hunos. Invade a China com o intento de matar o Imperador Chinês.

Pai de Mulan: Chefe da família, representante do patriarcado, é pai amoroso e compreensivo.

Mãe de Mulan: Boa esposa e mãe. Cuida da casa e da família. Fala pouco e aceita as decisões do marido.

Avó de Mulan: Senhora mais velha e importante na família. É atrapalhada e fala o que tem vontade. Está junto à Mulan em diversos momentos decisivos como na hora da casamenteira e é ela quem convoca um guardião para Mulan durante a guerra.

Casamenteira: Mulher que decide quem está apta para casar e desempenhar um bom papel de esposa e mãe. Caso ela dê o aval à garota consegue um bom casamento e honra a família, mas caso isso não aconteça, a família é desonrada.

Mushu: Dragão muito pequeno que era guardião da família, mas que ao permitir a morte de um membro que deveria proteger, é rebaixado à função de despertar um outro guardião quando necessário. Vê em Mulan a oportunidade de

recuperar seu antigo posto de guardião caso consiga fazer com que ela vença a guerra e volte salva para casa.

Gri Li: Grilo da sorte que é entregue à Mulan na hora de visitar a casamenteira e segue Mushu na batalha, virando seu ajudante.

Ancestrais: Espíritos dos ancestrais da família dos pais de Mulan que são despertados em situações de emergência e são eles que decidem quem irá guardá-la na guerra.

Khan: Cavalo de Mulan que está sempre ao seu lado.

Yao, Ling e Chien Po: Soldados do exército chinês que se tornam amigos de Mulan e a ajudam a vencer a batalha. Iniciam a guerra mais agressivos e vão se transformando durante o tempo e o contato com Mulan.

Shang: Comandante do exército chinês que recebe esse posto de seu pai. Bom líder que transforma os homens sem nenhuma experiência em um exército. Se apaixona por Mulan.

General: Pai de Shang. Morre durante uma invasão dos Hunos.

Chi Fu: Conselheiro imperial que é contra Shang liderar o exército. Sua função é relatar tudo que ocorre ao general e ao imperador ajudando a tomar as melhores decisões.

4.2. - 1ª. fase – Vida de Mulan na Aldeia até sua Ida à Guerra como Ping.

Mulan é uma adolescente e como toda adolescente passa por uma situação de grandes transformações tanto físicas quanto psicológicas apresentando tentativas de se adequar à sociedade e também a busca de sua verdadeira

identidade. Como vimos no capítulo II – 2.8 é um período da vida caracterizado por um processo de transição e de conflito com os valores transmitidos pelos pais; há uma busca por independência e autonomia e o adolescente questiona o universo regido pelos pais para procurar seu próprio caminho. Esse processo é natural e essencial na vida de qualquer pessoa, é o momento em que tanto a adequação externa aos valores sociais quanto a transgressão a esses valores precisam fazer parte da vida do indivíduo.

Percebemos esse conflito nas atitudes iniciais de Mulan no filme, por exemplo, quando ela tenta corresponder às expectativas paternas decorando as regras da boa esposa para ser aceita pela casamenteira, mas não consegue e, para se garantir, escreve as regras em seu braço. Ela afirma à mãe que escreve para não esquecer as regras e reza pedindo aos ancestrais que consiga achar alguém logo para que possa honrar sua família. Podemos perceber que Mulan deseja cumprir o que seus pais esperam dela, mas parece não estar mobilizada para esse propósito genuinamente.

Isso mostra o quanto Mulan não age nesse sentido de acordo com uma demanda interna e sim, tenta se adequar a demanda social, onde casar é o principal para a mulher. É como se essa situação de se preparar para o casamento não a mobilizasse internamente, ela parece não se identificar com esse papel. Na sociedade patriarcal, em especial, na sociedade chinesa, o feminino é desvalorizado em detrimento do masculino, o homem é considerado superior, detém o poder, e a mulher é percebida como um ser que precisa ser dominado, subjugado, para que somente os aspectos aceitáveis ao ego patriarcal se apresentem, ou seja, a mulher se resume a ser mãe, submissa e cuidadora, valorizada exclusivamente por sua necessidade na manutenção da espécie, por sua capacidade reprodutiva, conforme foi visto no capítulo I.

A família de Mulan pode ser entendida como uma típica representante da sociedade patriarcal. Todos os membros se mostram muito preocupados com a inserção de Mulan na sociedade e torcem por ela, cada um a sua maneira, estando todos muito presentes na vida da heroína. Sua mãe, a típica mulher submissa, boa, calma e obediente, e sua avó se esforçam para que Mulan tenha seu lugar garantido

na sociedade indo com ela até a casamenteira e acompanhando-a em todo esse processo. Seu pai, por sua vez, é provedor, chefe da família, forte, guerreiro, destemido, podendo ser considerado um representante do patriarcado. Porém, apesar de fazer parte do sistema patriarcal rígido, ele se apresenta como um pai afetuoso, orientador, firme e presente na vida de sua filha direcionando suas ações quando necessário, mas sem deixar de demonstrar sua afeição por Mulan.

Um exemplo desse fato é quando Mulan, por não ser aceita pela casamenteira, volta para casa muito triste e evita falar com seu pai, demonstrando até certo receio de sua reação, do que irá lhe dizer. Ele aparece e lhe diz que somente uma das flores da árvore próxima a eles ainda não desabrochou, mas que quando isso ocorrer, essa flor será a mais bela de todas, comparando-a com Mulan. Ele percebe que Mulan ainda não está preparada para corresponder às expectativas sociais, mas acredita que essa é uma questão de tempo e a tranquiliza, por ter esperança que isso aconteça num futuro próximo.

Seu pai, como um representante do patriarcado, ensina e cobra de Mulan o seguimento das regras sociais, dos limites, ele espera que Mulan se adapte ao código coletivo, o que podemos perceber quando reza para que seja aceita pela casamenteira o que, no padrão social da comunidade representa o maior objetivo da mulher. A identidade e a inserção social da mulher se dão através de sua relação oficial com um homem que se estabelece pelo casamento. Na sociedade patriarcal, o pai pode se apresentar como um pai rígido, identificado com as normas e as leis sociais ou um pai, que apesar de exercer sua função limitadora, tem o afeto presente em sua personalidade e consegue acolher os filhos. É como essa segunda forma de ser pai que podemos entender o pai de Mulan. Apesar de Mulan não corresponder às expectativas paternas, seu pai a acolhe, o que é estritamente necessário para Mulan conseguir transgredir as regras e se desenvolver.

Ter um bom relacionamento entre pais e filhos é necessário para todo o processo de desenvolvimento da personalidade e, em especial, para a elaboração produtiva da crise da adolescência. O melhor caminho para o desenvolvimento da consciência é propiciar que o padrão de alteridade se expresse tanto no adolescente

quanto nos pais em seus relacionamentos e em suas psiques, conforme explicitado no capítulo II - 2.8.

Como vimos no capítulo I, para que a alteridade se expresse, é importante se permitir sair da dinâmica patriarcal e se inserir em uma dinâmica de alteridade, em que mulheres e homens, pais e filhos são vistos como pessoas inteiras, completas, em que as diferenças são acalentadas e não mais excluídas. No início do desenvolvimento, em um nível individual, todos estivemos imersos em uma dinâmica matriarcal, onde tudo é possível, indiscriminado. É um estado perfeito, de satisfação imediata dos desejos. Culturalmente, esse momento do desenvolvimento da psique se caracteriza pelo fato de que a racionalização, como conhecida por nós, não ocupava um lugar de destaque na psique das pessoas, bem como a divisão, a categorização, os esquemas e as explicações dos fenômenos.

Com o tempo, entramos em uma cultura e um funcionamento psíquico patriarcais que introduzem o princípio da realidade e o adiamento do desejo, instauram a cultura, o poder, a ordem, a hierarquia, a responsabilidade e a criança aprende o que significa limites. Na sociedade, percebemos essa transição pela ocorrência de divisões, tudo é minuciosamente estudado, observado, vem a tentativa de controle da natureza tanto interna quanto externa.

Porém, atualmente, após todas as conquistas tecnológicas e científicas que o patriarcado permitiu ser conquistado, a sociedade está passando por um questionamento de valores, costumes patriarcais. É uma busca pela alteridade, pela relação verdadeira e completa entre homens e mulheres inteiros em todos os sentidos, com respeito e acalanto às diferenças. Individualmente, esse processo ocorre na época da adolescência, onde há um questionamento dos padrões paternos, dos limites impostos, que só ocorrerá caso o pai, representante máximo do patriarcado, seja mais flexível, afetivo permitindo a expressão de personalidade, valores, questionamentos de seus filhos, ou seja, permitindo-se experimentar uma relação mais completa, mais real com seus filhos.

Na adolescência acontece a ativação dos arquétipos da anima e do animus. Como vimos no capítulo II – 2.6, a anima e o animus são arquétipos que

representam o feminino no homem e o masculino na mulher. Esses arquétipos são a ponte entre o ego e o mundo interno, é através deles que acessamos o nosso mundo interior, nossa verdadeira essência. Cabe à mulher, em seu desenvolvimento, integrar conteúdos do animus atualizando disposições masculinas inconscientes e ao homem o mesmo em relação à anima. Para a menina a figura do animus será identificada inicialmente com o pai e o fato do pai ser mais ou menos rígido, mais ou menos identificado com as normas e as leis patriarcais permite que a menina consiga ter maior ou menor facilidade de transgredir as regras sociais e se desenvolver. Por vezes, quando o pai se mostra muito castrador, a menina pode não conseguir se diferenciar desse mundo e se desenvolver plenamente.

Assim, o fato de Mulan ter uma figura paterna, rígida na sua postura patriarcal, mas também amorosa e acolhedora, permitiu que ela e toda sua família pudessem iniciar a transição da dinâmica patriarcal para a dinâmica da alteridade, de respeito pelo outro, em que os pais e os filhos são vistos como pessoas e respeitados em sua individualidade, o que fica mais claro no final do filme.

Na mulher, a primeira imagem do animus é a imagem paterna que permite que a pessoa consiga se firmar em suas idéias, ser criativa, tomar decisões e ter objetivos. Podemos perceber o quanto a família é essencial nessa fase por abrigar amor, identificação e dependência que precisam ser elaborados para a estruturação da psique madura. Todas essas características dependem de um animus positivo, como vimos no capítulo II – 2.6, que se forma na relação essencial com seu pai. Mulan parece ter boa relação com o pai o que favorece seu desenvolvimento. Percebemos que ela é uma pessoa muito criativa, sempre desenvolvendo maneiras de lidar com as situações e com poder de decisão sobre elas. Ela acredita no que decide e no que faz.

Seu pai possui uma ferida na perna e é esse fato que faz Mulan decidir tomar seu lugar na guerra. Ele já é, no filme, um senhor de certa idade, não tendo mais a força e o corpo de um jovem, tem uma ferida na perna e usa uma bengala, instrumento usado por pessoas mais velhas. Na fase da adolescência dos filhos, os pais têm que enfrentar o envelhecimento e a morte, abandonar a imagem idealizada que possuem dos filhos e aceitar uma nova relação em que se fazem presentes a

crítica e a ambivalência, o que possibilita mudança e desenvolvimento pessoal e psicológico para ambas as partes.

Podemos perceber que o pai de Mulan possui empatia com sua filha, entende suas escolhas e caminhos, apesar de ser um pai patriarcal e, portanto autoritário, ele parece aceitar sua filha como ela é. Também podemos associar essa ferida como um dos motivos para a empatia do pai com Mulan: quem é ferido entende as feridas do outro. Já, culturalmente, na sociedade patriarcal, a ferida na perna de seu pai pode simbolizar o fato de que o sistema patriarcal está ferido em suas bases.

Mulan, a heroína do filme, mostra ter força egóica suficiente para lutar por suas idéias até o fim e acreditar nelas. Mas, isso não significa que ela não se sinta inadequada frente à sociedade, o que lhe traz muito sofrimento, pois a inadaptação é vivida como uma inadequação pessoal, apesar de ser, na verdade, uma necessidade social de olhar e questionar as bases da cultura patriarcal. Como uma heroína, ela traz em si aspectos que ainda não se tornaram conscientes pelo seu povo e que, portanto, fogem à compreensão coletiva, apesar de serem potenciais do inconsciente coletivo e, portanto pertencer a todos.

A não adaptação social traz grande sofrimento ao indivíduo, o que podemos perceber no filme na primeira vivência de crise de Mulan quando volta da casamenteira. Porém, é a vivência da crise e do fracasso que abrem na sua personalidade, um espaço para o contato consigo mesma, com sua verdadeira essência.

No mesmo dia ocorre o anúncio da guerra que, simbolicamente, significa o combate entre polaridades, entre o bem e o mal, a luz e as trevas, o inconsciente e o consciente. A guerra, simbolicamente, pode ser entendida como um conflito entre polaridades que pode se apresentar tanto no nível individual, quanto no nível coletivo, cultural. No filme podemos perceber que esse conflito se dá tanto no país com a explosão da guerra quanto em Mulan, através de seus questionamentos e dificuldades. É uma luta consigo mesma para um maior conhecimento de si que vem em conformidade com o questionamento de Mulan. Assim, podemos pensar que além de substituir seu pai indo para a guerra em seu lugar, houve, também, um

chamado interno, individual, no intuito de responder a sua própria busca, dar vazão à sua crise existencial, como também representa uma necessidade social, comum a toda aquela comunidade.

Como toda heroína, Mulan traz o novo, ameaça o status quo. Como vimos no capítulo II, 2.5, o legado do herói é trazer transformação e ampliação da consciência para uma renovação social e cultural o que consegue por possuir um modelo de ego, um ego com propósito, conectado com sua essência, o Self. Mulan é um símbolo que mostra aspectos novos do feminino que ainda não foram incorporados, mas que são necessários na sociedade. O elemento novo não é aceito por trazer a mudança do status quo, mas que, se for incorporado, trará ampliação da consciência. A sociedade patriarcal valoriza o homem e aspectos do masculino como a ordem, a disciplina, a razão, a hierarquia e desvaloriza o feminino. Quanto mais reprimido o feminino mais rígida a forma de se relacionar das pessoas e maior a agressividade que não é aceita naturalmente.

Isso fica claro no filme pelo perfil dos inimigos de Mulan, os Hunos. Segundo o site Wikipedia, os Hunos eram um dos povos mais violentos e ávidos por guerras. Eram nômades e adeptos de combates a cavalo. Devido a sua proeza militar e disciplina, mostravam-se imbatíveis, tirando todos do seu caminho. Eles espalhavam terror nos inimigos devido a velocidade em que eles podiam se movimentar, trocando de montaria várias vezes ao dia para manter a vantagem. A principal fonte de renda dos hunos era a prática do saque aos povos dominados. Quando chegavam numa região, espalhavam o medo, pois eram extremamente violentos e cruéis com os inimigos. Sua tática essencial era fazer ataques-surpresa relâmpago e garantir o terror.

A invasão da China por esse povo bárbaro, destrutivo, agressivo e primitivo, pode ser associada à acentuação desses conteúdos na consciência coletiva, a uma unilateralização da psique coletiva em relação aos aspectos patriarcais em detrimento de aspectos femininos. Os Hunos representam, como povo, aspectos mais primitivos, mais selvagens do ser humano, como uma acentuação de aspectos negativos do patriarcado que mostra o quanto o feminino banido da consciência

pode trazer explosão da agressividade. São aspectos que estão acentuados na consciência patriarcal, de agressividade desmedida e irracional.

Em um nível individual quando uma pessoa está muito distanciada de algo importante psiquicamente, estando muito inconsciente disso, a psique busca, de forma autônoma o equilíbrio para garantir a sua saúde, trazendo o pólo negado mais próximo da consciência, como pudemos ver no capítulo II – 2.9. O mesmo ocorre em um nível cultural quando um pólo está muito distante da consciência coletiva. Podemos associar Mulan, a sua emergência na guerra, como uma representação simbólica do fator compensatório da psique para restaurar o equilíbrio. No filme com a guerra, representando a exacerbação das características masculinas, traz à consciência o pólo negado, o feminino, buscando a integração dos opostos, o feminino e o masculino. É esse encontro entre o que é consciente e o que é inconsciente, o revelado e o oculto, que vem ampliar a consciência cultural.

O fato de os aspectos femininos, como os sentimentos serem tão relegados da consciência e da vida social, faz com que tenham que se impor para serem vistos e possivelmente, incorporados na vida consciente. Esse processo é análogo ao processo de ser tomado por um complexo, no caso da sociedade patriarcal, ser tomado por aspectos que se relacionam com o feminino banido da consciência social. No filme, o fato da guerra já estar acontecendo, mas ainda não ser percebida por todos pode mostrar que esse conflito ainda é inconsciente. A tensão psíquica interna entre as polaridades não faz parte da consciência coletiva. É papel do herói, no caso da heroína, trazer para a consciência o aspecto. Mulan denuncia, personifica esse conflito.

A força egóica de Mulan se exprime em coragem, criatividade e objetivo de vida, que são aspectos do masculino, também importantes para o ego feminino. Mulan é uma legítima participante do patriarcado, está identificada com os valores desse dinamismo e, portanto, podemos perceber que Mulan resolve, então, vestir-se como um soldado e ir à guerra no lugar de seu pai. Mulan decide, então, seguir seu impulso, algo que vem de dentro dela em ir de encontro à guerra, ao conflito, dando importância ao seu chamado interno em busca de descobrir que é realmente. Ela percebe que não será aceita como mulher e decide vestir-se como soldado.

Como em qualquer mudança, primeiro ocorre uma identificação com o opositor, o lado oposto. Vemos que, assim como as mulheres da década de 60, Mulan também tenta se inserir e ser aceita através da identificação com o padrão masculino valorizado e consciente. Podemos relacionar sua atitude à atitude feminista de queima de soutiens em praça pública, como vimos no capítulo I, onde as mulheres tentavam provar sua igualdade com os homens e conquistar seu lugar: já que como mulher não tinham vez, então tentavam mostrar que poderiam ter espaço; tentavam mostrar sua força sendo como os homens. É através do processo de identificação com o oposto que as mulheres, e no caso Mulan, começam seu processo de busca de identidade, processo que vemos acontecer no decorrer do filme.

4.3. – 2ª. fase – Jornada de Mulan

Mulan inicia sua jornada e sai da casa de seus pais como Ping até o acampamento de guerra. No plano individual, podemos associar esse momento com o período da adolescência onde a menina precisa sair do universo dos pais e conquistar maior autonomia. Esse processo se caracteriza por uma busca de ampliação de consciência, autoconfiança, enfim, de grandes conquistas pessoais. Porém, Mulan, como uma heroína, não sai simplesmente para casar ou estudar e sim, para guerrear como um homem no lugar de seu pai. Ela, como heroína, representa, no plano pessoal, uma busca pessoal de crescimento e conquista para a própria vida, além de uma conquista maior, para a sociedade em que vive: um espaço para a conquista do feminino em um mundo essencialmente masculino.

O herói ou heroína, conforme visto no capítulo II- 2.5, é um arquétipo e, como todo arquétipo representa um componente da camada da psique comum a todos chamada inconsciente coletivo. É a idéia de arquétipo que permite-nos perceber que estamos ligados inseparavelmente à continuidade dos assuntos eternos da humanidade. O arquétipo é a fôrma de onde saem as mesmas idéias comuns a toda humanidade. Ele é, em si, incognoscível e se apresenta ao indivíduo através de uma

forma de expressão simbólica, ou seja, de uma imagem que se mostra à consciência como a melhor forma de expressar o desconhecido naquele momento. O arquétipo do herói é uma dessas manifestações.

Ele representa a força interna que todos possuímos como potencial a ser descoberto e utilizado quando necessário. Durante sua jornada, o herói, precisa se deparar e lutar com aspectos desconhecidos de si mesmo, com os quais ele precisa entrar em contato para deles retirar a força que necessita incorporar ao seu ego, ampliando sua consciência. Sendo um herói, um modelo de ego, ele é aquele que possui a função de contribuir não só para uma ampliação na consciência individual, mas também coletiva, trazendo à sociedade as mudanças necessárias, uma renovação social e cultural. O herói, ou a heroína, como no caso de Mulan, consegue realizar seu intento através de sua jornada que se caracteriza por sair de uma situação conhecida, vencer os obstáculos em busca de sua verdadeira essência, de sua individualidade o que possibilita a ampliação de consciência de si e na mesma medida permite que a consciência coletiva de seu povo se amplie.

Mulan, a heroína do filme, pode ser entendida sob dois aspectos, conforme explicitado acima, no plano individual e coletivo. Individualmente, podemos perceber que Mulan vai em sua jornada em busca da ampliação da consciência pessoal, fato demonstrado por suas inquições a respeito de quem é realmente, qual sua verdadeira essência. Ela se questiona nos dois momentos de crise no filme – quando não aceita pela casamenteira e quando é expulsa do exército – sobre quem é e o fato que a levou à guerra, concluindo que está relacionado com uma busca interna, profunda, de quem ela é. Além disso, no plano coletivo, Mulan tem um objetivo maior, a ampliação da consciência coletiva. Quando ela é expulsa do exército por descobrirem que é mulher, ela pensa em desistir, porém quando percebe que seu propósito ainda não se extinguiu, que seu povo ainda precisa dela, decide, sem mostrar nenhuma dúvida, continuar sua jornada e salvar seu povo.

Em se tratando de uma heroína, as conquistas de Mulan se referem ao resgate do feminino que foi reprimido na sociedade patriarcal. Como vimos no capítulo II – 2.4, isso se relaciona à sabedoria, habilidade, criatividade para lidar com as situações, aspectos essencialmente relacionados ao feminino, entre outros como a

sensibilidade, a agressividade, a emoção, a intuição, o acolhimento, a gestação, a fertilidade, o cuidado, a transformação, a inconsciência. O feminino, portanto, acessa um lado da personalidade relacionado ao sentimento, a intuição; a sabedoria que se origina não é aquela conhecida na sociedade patriarcal: lógica, determinada, objetiva e, sim, uma sabedoria mais intuitiva, ligada ao aspecto emocional, ilógico, inconsciente. E é esse aspecto que Mulan acessa para agir, sua habilidade e criatividade se originam desse aspecto, tão diferente de todos os outros personagens masculinos do filme.

Podemos perceber que Mulan não enfrenta com força bruta, sabe esperar a hora certa de agir e age independente dos outros concordarem ou entenderem suas decisões. Mulan acredita em sua capacidade, em sua percepção, não se deixa vencer pelos obstáculos. Ainda por ser uma heroína, Mulan possui um contato profundo e contínuo com Mushu, o enviado do Self para auxiliar o ego da heroína em sua jornada até que este adquira força suficiente para caminhar sozinho.

Assim, ela não inicia sua caminhada sozinha, no caminho conhece seu guardião divino, enviado pelos seus ancestrais, Mushu e seu ajudante, Gri Li, o grilo da sorte. Podemos associar esse contato e essa caminhada com o processo de desenvolvimento egóico: Mulan, como heroína, como vimos no capítulo II -2.5, representa um modelo de ego, um ego com objetivos claros e pelos quais luta ao mesmo tempo em que se mantém conectado com o Self. Em função dessa conexão, Mulan mantém um contato vivo com o inconsciente, com o novo, sem se desadaptar à vida externa, constituindo um diálogo entre consciente e inconsciente. A presença de Mushu, o cavalo e o grilo mostram que o herói-ego na sua jornada de transformações conta com o auxílio do Self que proporciona recursos que o ajudam nessa empreitada.

O diálogo entre Ego-Self garante um sentimento de totalidade, de pertencimento a algo maior e de nunca estar sozinho, conforme foi visto no capítulo II – 2.8. A conexão Ego-Self garante estrutura, segurança egóica, energia e propósito de vida, exatamente a busca de Mulan nesse momento e algo que conquista no decorrer de sua jornada. Os guardiões de Mulan representam a ligação entre o ego da personagem e o Self, eles são os símbolos que fazem essa conexão.

É através do símbolo que o inconsciente se atualiza na consciência trazendo o enriquecimento psíquico necessário à vida do indivíduo. Essa interrelação entre consciente e inconsciente possibilita uma nova visão da vida que abarca os opostos como uma única realidade.

Mushu é um dragão que simboliza os opostos, é aquático e terrestre, yang e yin, as duas faces, o que ele proclama não é discutido, é a personificação divina e obscura ao mesmo tempo. Na China, segundo Chevalier e Gheerbrant (2005), o dragão é o símbolo do imperador que garante o ritmo da vida, da ordem e da prosperidade. É o símbolo da onipotência chinesa. Além de Mushu, Mulan também tem consigo seu cavalo, símbolo do inconsciente e do instinto, é um animal associado à passagem, da vida para a morte, do dia para a noite, do consciente para o inconsciente e o grilo da sorte que, segundo Chevalier e Gheerbrant (2005), simboliza o triplo: a vida, a morte e a ressurreição. Podemos associar essa imagem ao necessário processo de confrontação de opostos e posterior elaboração simbólica que Mulan precisará empreender durante toda sua jornada, sendo que seus três companheiros a acompanham desde seu início até o retorno ao lar, onde, após empreender sua jornada, poderá retornar ao seu lar mais unificada.

Esses símbolos representam o contato de Mulan com sua totalidade e, através de suas conquistas, de seus atos durante sua jornada, a heroína busca integração de aspectos ainda inconscientes em si mesma e isso, a longo prazo, também repercute em uma transformação social, na vida de sua comunidade. Mulan – como heroína – é necessária no sentido de ampliar a consciência social e promover, assim, a individuação do Self cultural.

Essa ampliação da consciência cultural se dá no sentido da incorporação do feminino. Mulan busca conquistar seu lugar na sociedade como homem, já que as mulheres não tinham nenhum poder ou possibilidade de se firmar socialmente. Quando chega ao acampamento tenta se portar como homem o que podemos associar a uma tentativa de inserção, dentro do possível, no mundo patriarcal, e, também, como uma identificação da mulher com os valores do masculino, que, conforme o que foi explicado no início do capítulo, mostra ter sido essa a forma que

Mulan conseguiu encontrar para se inserir em um mundo onde a mulher e o feminino não têm espaço.

Como vimos no capítulo I, na sociedade, de modo geral, no início dos tempos, a mulher e o feminino já tiveram grande destaque e prestígio na sociedade. Havia cultos à Grande Deusa e a mulher era o centro das sociedades. Com o passar dos tempos e a chegada da Idade Média com a necessidade de conquistas territoriais e guerras, o homem passa a conquistar cada vez mais prestígio e ocupa, então, o centro da sociedade. A mulher se resume a ser mãe, submissa e cuidadora, valorizada exclusivamente por sua necessidade na manutenção da espécie, por sua capacidade reprodutiva. Somente por volta da época em que ocorre a 2ª Guerra Mundial é que as mulheres passam a reivindicar seus direitos. Na década de 60, no século XX, surge o movimento feminista que foi muito importante para diversas conquistas das mulheres, apesar de que, nesse movimento a busca se dava no sentido de igualdade dos sexos sem o respeito necessário pelo feminino.

É importante destacar que a valorização do masculino em detrimento do feminino foi um processo necessário para as conquistas da humanidade, já que possibilitou um maior controle da natureza e tantas conquistas científicas. Já mais para o final do século XX, há um movimento da mulher na tentativa de realização de suas reais potencialidades e necessidades inaugurando algo que se assemelha a uma nova era. Há uma busca pelo autoconhecimento, reflexão, uma nova identidade que abarque seus potenciais, até então, adormecidos. Assim, hoje, podemos perceber que estamos em uma readaptação psíquica que se reflete no comportamento das pessoas. As mulheres estão buscando uma nova forma de sentirem-se inteiras, completas.

Assim, Mulan inicia sua jornada, como as mulheres fizeram nos anos 60 do século XX, procurando se portar como um homem, já que, como foi dito acima, essa era a única forma que enxergava ser possível e também porque tinha uma grande identificação com o masculino, como o centro do poder. Podemos pensar o aparecimento da questão de identificação da mulher com o masculino na tentativa de se inserir socialmente como algo comum a todas as culturas; como uma questão arquetípica, ou seja, uma questão que se reflete em todos independente do lugar,

época ou cultura. Isso aparece no conto de Mulan, um conto que se baseia em uma poesia chinesa do século V, o que mostra que é algo comum a humanidade ocidental e oriental, que aparece na vida cotidiana, nos filmes e nos contos.

Portanto, como uma questão arquetípica, Mulan, uma mulher que busca seu lugar na sociedade patriarcal, se veste de soldado e tenta se comportar como um homem, mas desde o início fica claro a diferença entre ela e os outros soldados em relação a comportamento e força física. Mulan ora age agressivamente, ora se esquivava e vai ficando claro, durante seu tempo junto aos soldados que apesar de diferente, ela consegue realizar as atividades, que também é hábil e criativa. Podemos pensar que a maneira de Mulan se comportar difere dos homens no sentido em que eles tentam atingir seus objetivos através da força física, já que, na sociedade patriarcal, os homens são fortes e agressivos e utilizam essas características para conseguir o que querem. Mulan, por sua vez, busca a melhor maneira de realizar seus objetivos, usando a intuição e a criatividade, trazendo uma nova forma de ser e se comportar para aquela comunidade essencialmente masculina.

Podemos perceber essa transformação operando em Mulan se compararmos a forma como chega ao acampamento com a forma como se comporta após um tempo com os soldados. Mulan tenta, no início, ser como um homem, andar como um deles, falar como eles. Com o tempo, passa a se comportar de forma mais natural, feminina. Como mulher, Mulan participa das brincadeiras dos soldados, mas quando se refere às mulheres, o faz de forma mais cuidadosa, respeitosa. Também é mais reativa aos sentimentos que assomam a todos e demonstra mais facilmente o que sente. No momento em que chegam a aldeia em que Shang percebe que seu pai foi morto, ela é a única que consegue expressar seu sentimento a ele, se aproximando e dizendo o que sente, além de mostrar muita tristeza por perceber que na aldeia haviam crianças e possivelmente, mulheres, já que encontra uma boneca no chão.

Aos poucos ela consegue incutir novos valores nas pessoas com quem convive, transformar a maneira de ser dos soldados. As figuras masculinas que aparecem no filme são a expressão da persona masculina excessivamente rígida,

unilateralmente patriarcal: fortes, guerreiros, agressivos, autoritários onde não cabe a expressão dos sentimentos (tipicamente feminino), mostrando o quanto esse aspecto (anima) é reprimido nos homens do filme.

A anima, conforme vimos no capítulo II – 2.6, é o potencial arquetípico que permite estabelecer uma relação entre a consciência e o inconsciente para que o ego entre em contato com conteúdos profundos da psique, seu mundo interno, arquetípico, afim de caminhar em seu processo de individuação abarcando as potencialidades em sua consciência. O arquétipo da anima representa os instintos, a terra, a emotividade, a conexão profunda com as pessoas. O desenvolvimento da anima influi na maneira do homem se relacionar consigo mesmo e com os outros, em especial, com as mulheres. Quando pouco integrado à consciência esse arquétipo gera estados alterados de humor no homem, enxurradas de afetos indiscriminados. Este homem tem variadas alterações de humor, é melancólico, inseguro e retraído e apresenta dificuldades em seus relacionamentos. A anima não aceita se faz presente de forma destrutiva. Quando a anima é integrada à consciência ela se torna um potencial criativo acarretando uma ampliação da personalidade e da consciência gerando um relacionamento melhor com as pessoas, assim como consigo mesmo.

Podemos perceber o pouco contato com a anima nos soldados e a projeção disso nas mulheres no início do filme quando eles se referem às mulheres concretas como seres inferiores à eles, que estão esperando para servi-los quando voltarem para casa, após a guerra, o que mostra que a repressão do feminino ocorre tanto em relação à anima quanto à mulher em si. Shang também passa por uma transformação no filme da mesma maneira que os outros soldados, e no momento em que deveria matar Mulan ao descobrir que é uma mulher vestida de homem, ele decide poupar sua vida como forma de agradecimento por ela o ter salvado antes. Os soldados vão embora tristes por deixar Mulan e demonstram isso. Todas essas atitudes mostram um maior contato com os sentimentos e a expressão destes.

Conforme o tempo vai passando e o contato com Mulan se tornando mais presente para os soldados, vai acontecendo uma transformação nos homens do filme. Eles, ao entrarem em contato com Mulan, entram em contato com uma nova

possibilidade de ser, com o seu aspecto feminino, sua alma e perdem o medo. Eles passam a ser menos brutos, até mais sensíveis, passando a confiar mais em Mulan. Essa mudança pode ser relacionada com as transformações que um homem passa durante sua vida através do contato com as mulheres, já que é através desse contato, que se inicia com a mãe e se estende a todas as mulheres importantes na vida de um homem, que a alma é constelada, é modificada, passa a ser mais incorporada trazendo uma ampliação de consciência para os homens do filme que simbolizam o masculino rígido.

O momento do filme em que podemos perceber claramente a atuação modificada da alma nos soldados e em Shang é quando Mulan, na última batalha, percebe que a força física não é suficiente para vencer, ou seja, falta o aspecto feminino para que possam vencer o inimigo. Mulan vem trazer aspectos relacionados ao feminino, a inteligência mais emocional, intuitiva, menos racional que percebe faltar na batalha quando vê os soldados tentando avançar somente com a força bruta e não conseguindo progredir. Ela, então, chama seus companheiros soldados que a seguem com total confiança, mostrando o quanto a relação com Mulan está estabelecida e a partir disso conseguem acessar melhor seus aspectos femininos internos. Assim, eles conseguem salvar o imperador.

Tanto para a mulher quanto para o homem, em seu desenvolvimento, há a necessidade de integrar conteúdos do animus e da alma atualizando disposições masculinas inconscientes na mulher e femininas inconscientes no homem. No homem o desenvolvimento da alma influi na maneira dele se relacionar com os outros, conforme vimos anteriormente. O mesmo ocorre com as mulheres em relação ao seu potencial masculino. O animus representa a racionalidade, a capacidade de julgar, a objetividade, a justiça, a organização, a moral. Ele impulsiona a mulher para agir, fornecendo energia e poder de decisão. E é exatamente isso que ocorre com os soldados e também com Mulan.

Mulan é uma heroína e, como heroína, promove mudanças não só em si mesma, mas também na consciência coletiva ampliando os papéis antes cristalizados de homem e mulher e, psiquicamente, da alma e do animus. Ela traz

uma nova imagem de mulher e é através dessa imagem que vai ocorrer a transformação tanto no homem quanto na mulher.

Assim, Mulan também se transforma: inicia sua jornada muito perdida, sem saber quem realmente é, o que quer para sua vida, e se encontra nas relações que se estabelece, vai se tornando mais confiante, uma característica que já possuía anteriormente, mas que se torna mais presente durante sua jornada. Podemos perceber isso comparando a maneira como Mulan se comporta no início do filme quando Shang ordena que realizem algumas atividades de treinamento e com o decorrer da sua caminhada quando passa a agir por conta própria, inclusive desobedecendo ordens superiores, o que mostra o desenvolvimento de seu poder de decisão e objetividade.

Mulan começa, então, a deixar de se identificar e valorizar o modo de agir masculino e começa a expressar o feminino, valorizando suas qualidades. Quando a mulher consegue discriminar o animus como potencialidade masculina, da imagem paterna que é o núcleo do complexo paterno, ela passa a usufruir das qualidades masculinas positivas, sem precisar se portar como um homem.

Podemos perceber essa atitude em Mulan no momento em que tem que decidir como enfrentar e vencer os Hunos, decide fazer o oposto do que seu líder ordenou, seguindo sua intuição. Ela percebe que o melhor é atirar na montanha para provocar uma avalanche e, assim, conseguir destruir todo o exército que é muito maior que o seu. Assim o faz e consegue seu intento. Podemos pensar que a neve está associada a água congelada. Água é símbolo de vida, ela pode tanto dar quanto tirar a vida, é referente ao Yin, ou seja, ao feminino e é com a água congelada, a neve, que Mulan derrota o exército inimigo, com seu poder feminino. É o feminino que consegue combater o grande exército dos Hunos que representa aspectos mais primitivos, mais selvagens, uma acentuação de aspectos negativos do patriarcado.

Podemos pensar que, nesse momento de sua jornada, Mulan constela muitos aspectos da deusa Atena em sua personalidade. Essa deusa, como vimos no capítulo II -2.4, apresenta características como razão bem desenvolvida, lógica e a

busca da verdade e da justiça. É guerreira, argumentadora e líder nata. Competitiva no mundo tipicamente masculino, nunca se intimida e assume responsabilidades e empreendimentos com segurança e confiança, porém tem pouca relação com a feminilidade em todos seus aspectos. Essas características, assim, favorecem um melhor relacionamento entre ela e seus companheiros soldados.

Através de sua jornada, em seu processo de individuação, onde novos aspectos, antes desconhecidos de sua personalidade são incorporados à consciência, Mulan constata aspectos de Afrodite. Isso ocorre possivelmente por ela se apaixonar por Shang, e aflorar em sua consciência aspectos da deusa do amor e da afetividade, que consegue lidar com sua feminilidade de forma tranqüila, permitindo o envolvimento entre as pessoas e o impulso à mudança. Para atingir seus objetivos pode se utilizar de seu poder de sedução, já que sua relação com a feminilidade é natural.

Com o tempo, Mulan torna-se mais integrada, mais madura e o que é muito importante tanto para a sua própria individuação quanto para sua comunidade, já que no final de sua jornada a sedução, tão relegada na sociedade patriarcal como algo a ser subjugado, visto como uma arma da mulher contra o homem pode, então, ser reincorporado como algo natural do ser humano. Segundo o dicionário Melhoramentos (1997), sedução significa encanto, atração, fascínio e seduzir é desonrar, levar a rebelião, subornar, atrair, cativar, fascinar. Conjuga-se com conduzir que significa guiar, dirigir, dar rumo, direcionar, levar, transportar. Podemos perceber o quanto a sedução é amedrontadora para a sociedade patriarcal que tenta subjugar as mulheres, já que é um potencial do feminino capaz de levar a algo, conduzir por encanto e fascínio a algum lugar ou alguma coisa. Podemos perceber que é um potencial muito importante, já que garante força, poder de persuasão que tanto os homens quanto as mulheres necessitam, mas que pelo pouco contato estabelecido com o feminino, gera medo.

Podemos perceber que ocorre essa reintegração do feminino quando Mulan convence os soldados e junto com eles seduzem o exército inimigo ganhando a batalha. Quanto mais distante da consciência está um aspecto, mais força ele tem para invadi-la independente da vontade do ego. Os Hunos, um povo tão distante do

aspecto feminino, é facilmente subjugado pela sedução que, por ser um aspecto tão distante de suas consciências é capaz de tomá-la em momentos e situações inapropriadas como podemos ver no filme, levando-os a perder a batalha.

Os soldados, símbolos da persona masculina unilateral, também aceitam vestirem-se como mulheres para enfrentar o inimigo, mostrando uma maior mobilidade em sua persona e uma incorporação de valores femininos no ego com conseqüente ampliação de consciência. Aspectos do feminino que antes estavam na sombra agora são incorporados na consciência coletiva. A persona torna-se menos rígida, pois ao integrar aspectos da sombra, antes projetados na mulher que, por isso, era excluída socialmente, a sociedade torna-se mais completa, verdadeira.

Os aspectos femininos projetados na mulher por serem incompatíveis com a personalidade social puderam através da relação com o outro serem novamente incorporados e reintegrados à consciência. Quando trazidos à consciência, conforme vimos no capítulo II -2.7, o material da sombra perde muito da sua natureza negativa, deixa de provocar medo, já que não é mais desconhecido, abrindo a porta para o auto-conhecimento e nos apontando nossa verdadeira essência, além de permitir, então, um relacionamento de alteridade com o aspecto antes negado, já que o outro agora é visto de forma íntegra, com defeitos e qualidades e não mais carrega a sombra coletiva.

O feminino tão pouco incorporado à sociedade patriarcal, tão relegado à sombra passa a ser reincorporado, passa a fazer parte da consciência coletiva trazendo ampliação dessa consciência. No filme podemos perceber essa aceitação e reincorporação do feminino por toda a comunidade quando Mulan é reverenciada por todos. É a redenção do feminino na consciência coletiva necessário para a individuação do Self coletivo.

Podemos pensar que o feminino passa a ser aceito nessa cultura, integrado, passa a ter um lugar o que leva a relações de alteridade. Um feminino rechaçado, colocado na sombra da sociedade patriarcal que integrado permite a todos da cultura uma ampliação de consciência e maior energia e autonomia perante os

desafios da vida. Mulan é reverenciada como a heroína de toda uma cultura. É a heroína do feminino.

4.4. – 3ª. fase – Retorno de Mulan a sua Casa

Terminada sua jornada Mulan volta para casa com os símbolos de sua vitória. Ela leva consigo o selo imperial que o Imperador lhe concede para que mostre a sua família que a honra de seu nome está garantida e a espada de Shan Yu, o comandante do exército inimigo, para que o mundo saiba o que fez. Ao chegar em casa entrega os símbolos de sua vitória ao seu pai. Selo, segundo Gheerbrant e Chevalier (2005), simboliza poder e autoridade o que é reafirmado quando o imperador e todos se curvam diante de Mulan. Podemos pensar que a sociedade chinesa, nesse momento, se curva ao feminino, já que foi uma mulher, símbolo desse aspecto no filme, que venceu a guerra se utilizando de capacidades e características típicas do feminino.

Mulan também leva para casa a espada do comandante inimigo. Espada é símbolo do masculino por seu poder de discriminar, separar. Assim, podemos pensar que Mulan, em seu processo de individuação, volta para casa com aspectos do masculino incorporados à sua consciência, ela incorpora ao ego capacidades do masculino com as quais, antes, se identificava, mas não fazia parte de si. Espada também simboliza a justiça e o combate pela conquista do conhecimento e destruição da ignorância, além de ser um símbolo do poder imperial. Assim, podemos associar a conquista do objetivo da jornada de Mulan: trazer à sua sociedade ampliação da consciência ao incorporar o aspecto feminino em uma sociedade absolutamente patriarcal. Podemos pensar que o Imperador concede à Mulan o poder da redenção do feminino em sua sociedade.

No aspecto individual, Mulan cumpre sua tarefa e volta para casa transformada, mais madura, ao integrar aspectos femininos antes reprimidos pela cultura aos aspectos masculinos de sua própria personalidade. Enfrenta seus obstáculos e se torna mais íntegra, como uma heroína é um símbolo de transformação que propicia uma ampliação de consciência cultural, como vimos no

capítulo II – 2.5. Nesse momento ela está pronta para seguir sua vida, sente que está no caminho certo, o que fez é parte de seu processo de individuação: sente-se bem em retornar para casa, sabe que ali é seu lugar.

Ela despede-se de Mushu, pois no momento em que termina sua jornada, já está mais íntegra, mais madura e tendo estabelecido um bom diálogo Ego-Self não carece mais de reforço Sélfico, ou seja, de um guardião que a conecte ao Self. Ela pode seguir sua vida de forma mais íntegra, mantendo um diálogo Ego-Self que conquistou em sua jornada. Como vimos no capítulo II – 2.10, o Self conecta a pessoa consigo mesma, na busca de sua verdadeira individualidade ao mesmo tempo em que mantém a pessoa ligada a um centro transcendente, que vai além do indivíduo e abarca a totalidade. Ele garante o sentimento de totalidade que é a sensação de ter alguma meta na vida.

Para que o Self possa se atualizar na vida do indivíduo e garantir a saúde psíquica necessária, o ego precisa estar forte o suficiente para que consiga ao mesmo tempo trazer à consciência aspectos do inconsciente, ampliando a vida psíquica, e se manter adaptado ao mundo externo. Essa conexão Ego-Self, que Mulan conquista ao fortalecer seu ego, transmite estrutura, segurança egóica, energia e propósito de vida.

Pudemos perceber que Mulan, como todo herói, está sempre em conexão com o Self, sendo um modelo de ego. Ela passa por duas grandes crises de identidade onde o sofrimento é inevitável. Surge o vazio, o desespero, a falta de sentido na vida. Ela sente-se perdida no mundo, não percebe sua real essência, seu destino, não se conhece profunda e realmente. Durante o filme podemos perceber esse questionamento a respeito de quem se é realmente vindo de Mulan, o que mostra um conflito interno, uma tensão interna que propicia um caminho de transformação de identidade; quando o novo é incorporado à consciência, Mulan torna-se mais íntegra, madura e, como uma heroína, permite transformação social, com ampliação de consciência cultural.

Porém, Mulan só consegue fazer o que faz, cumprir sua jornada pela conexão que todo herói possui consigo mesmo, com seu centro Sélfico. Conforme visto no

capítulo II, 2.10, o contato com o Self permite à psique integrar as suas várias partes, permite o desenvolvimento de uma atitude que interrelacione a realidade visível e a invisível que traga o sentimento pleno de ser no mundo. Essa interrelação ocorre constantemente com o objetivo de integrar novos conteúdos vistos como opostos na psique, possibilitando uma nova visão da vida que não mais exclua os opostos e sim que abarque o que era antes considerado divergente como uma única realidade, como uma totalidade.

Dessa forma, podemos perceber que Mulan realizou seu objetivo: entrar em contato com sua verdade mais profunda caminhando em seu processo de individuação. No final de todos os contos de fadas, o herói se une a sua princesa e isso não poderia ser diferente com Mulan: ela termina seu retorno com o reencontro com Shang, por quem se apaixonou enquanto lutava na guerra.

O casamento reflete o final da jornada do herói, pois simboliza a união do Logos com o Eros, da razão com a emoção, a descoberta e o contato com o outro lado da personalidade, seja o feminino no homem ou o masculino na psique da mulher. É o símbolo do contato com sua verdade mais profunda, da integração de aspectos antes desconhecidos à psique consciente que ocorre tanto no desenvolvimento do homem quanto da mulher.

No início do filme, Mulan vai à casamenteira, mas, naquele momento o casamento é somente uma exigência social, é visto como algo externo, que serve para trazer honra à família, não é enxergado como uma escolha de parceiro, de vida, como parece acontecer no final do filme. A proposta de casamento do início do filme ocorre sem nenhuma preocupação sobre quem é o outro com quem vai se casar. Podemos associar esse fato a uma relação pouco estabelecida entre Mulan, nessa fase, e seu animus.

Como podemos ver no capítulo II – 2.6, o animus representa a racionalidade, a capacidade de julgar, a objetividade, a justiça, a organização, a moral. Ele impulsiona a mulher para agir, fornecendo energia e poder de decisão. O animus pouco integrado à consciência toma a mulher, da mesma forma que a anima toma o homem, e a torna preconceituosa, agressiva, repressora, dogmática, argumentadora

e generalizadora buscando sempre ter a última palavra. Podemos perceber que Mulan, nesse momento, está dominada por um animus pouco integrado de forma que é guiada em sua vida pelas regras sociais internalizadas. Ela se identifica com a sociedade patriarcal, com o masculino sem um verdadeiro contato com o masculino dentro de si, com seu animus.

Durante sua jornada, Mulan se relaciona com outros homens, se identifica com o masculino ao vestir-se como um e consegue incorporar aspectos do masculino em sua personalidade, tornando-se mais íntegra e podendo, dessa forma, estabelecer um verdadeiro contato com o outro. Ela se apropria de sua vida, de suas decisões, de seus julgamentos. Ela escolhe, avalia a partir de seu ego, toma sua vida em suas mãos.

O mesmo acontece com Shang que a partir de sua relação com Mulan, estabelece um maior diálogo com sua alma e torna-se mais íntegro, mais completo. Agora Mulan e Shang, mais conscientes de seus aspectos masculinos e femininos, em melhor contato com o animus e a alma, podem se relacionar de forma íntegra, verdadeira com o outro como ele é de verdade, estabelecendo uma relação de alteridade, onde duas pessoas completas se relacionam. O fato de estabelecer uma melhor relação com o feminino e o masculino interno, os aspectos do oposto que todos temos dentro de nós, permite à Mulan e ao Shang que possam estabelecer uma relação mais verdadeira entre eles.

Culturalmente, Mulan, uma heroína, possibilita à sociedade, sendo um modelo de ego, uma nova maneira de ser e se relacionar, permite a integração de aspectos femininos na sociedade que permite a todos uma melhor relação consigo e com os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi entender o processo de transformação da consciência coletiva no sentido de um movimento de mudança para a incorporação do feminino em nossa sociedade e de novos potenciais na identidade da mulher.

Os mitos e os contos de fadas tem sido desde sempre os veículos que expressam os símbolos do inconsciente coletivo. Entendemos que o cinema é, na época atual, um veículo que atinge grande número de pessoas, podendo ser compreendido como a forma moderna de expressão dos temas humanos básicos. Atualmente as histórias narradas em filmes, desenhos, literatura são veículos através dos quais esses símbolos atingem a consciência sendo percebidos e integrados na consciência coletiva.

Antigamente os contos de fadas eram passados de geração em geração através dos contadores de histórias que reuniam pessoas a sua volta para ouvirem suas narrações. Hoje, com o advento da tecnologia e da vida moderna, a televisão e o cinema vieram ocupar o lugar dos contadores de antigamente e os contos são passados através de filmes e desenhos animados.

Os contos de fadas, os mitos e, atualmente, os filmes, de acordo com Jung, podem refletir, psicologicamente, as questões do ser, do existir humano em toda sua magnitude: a vida e a morte, o envelhecer, os medos, as conquistas, as derrotas e as vitórias oferecendo soluções e desfechos possíveis para esses assuntos vistos como simbólicos por trazerem um tema atemporal, arquetípico, configurado por uma roupagem da época em que se manifestam. Sempre de forma atemporal, podem se referir a qualquer lugar, época ou cultura. É como se eles falassem a cada um e, ao mesmo tempo a todo mundo, sem perder a capacidade de acolher a necessidade de cada pessoa e abarcando toda uma humanidade.

A intenção da pesquisa foi contribuir com um maior conhecimento do estudo simbólico dos contos, na atualidade expressos via cinematográfica, em sua relação

com o feminino na atualidade, com base na teoria de Jung, já que o retorno do feminino à consciência coletiva é um tema tão relevante na nossa cultura, trazendo assim, não só enriquecimento científico, mas também útil a toda sociedade, em especial, às mulheres.

Para a realização dessa pesquisa foi utilizada a abordagem simbólica baseada na teoria junguiana. A leitura simbólica pode ser feita a partir de qualquer expressão artística como pinturas, filmes, contos de fadas que se utilizam das imagens do inconsciente coletivo e, por isso, nos falam de algo que é comum a todos e atemporal.

Foi escolhido para essa pesquisa o filme “Mulan” produzido pela Disney em 1998. A escolha se deu por ser um filme da época moderna, atual, que teve boa repercussão na mídia. Inicialmente soube-se que foi um filme visto por muitas pessoas até os dias de hoje, porém conforme foi sendo pesquisado sobre o filme, descobriu-se que é um filme que mobiliza, ainda hoje, muitas pessoas, ele possui blogs na internet, páginas dedicadas a ele e é considerado um clássico. Foi descoberto também, que esse filme foi embasado em um poema chinês muito antigo, datado do século V.

É um filme que relata a busca da mulher por um espaço na sociedade patriarcal, um filme embasado em um poema tão antigo, o que mostra o quanto este é um tema atual e, ao mesmo tempo, muito antigo. Além disso, é um filme baseado em um conto chinês, mas que reflete a realidade ocidental muito profundamente. Assim, podemos supor que tem como base um correspondente arquetípico, ou seja, temas presentes na psique humana em qualquer época, cultura ou lugar.

Assim, pudemos perceber que independente da época, cultura ou lugar a questão do feminino e da mulher na sociedade se faz presente em todas as pessoas, a busca por um espaço do feminino na psique e da mulher na sociedade. O feminino que, desde o advento do patriarcado, foi relegado ao inconsciente de cada um e de toda a humanidade. Um potencial essencial a todos que se não é aceito atua e invade nossas vidas conscientes ameaçando nossa existência e que se for aceito pode trazer grande enriquecimento às nossas vidas por nos permitir

uma ampliação da consciência abarcando uma parte de nossa personalidade antes inconsciente.

Assim, o reprimido, por ser necessário à totalidade da psique, sempre reaparece. Mulan retratou, em seu filme, essa ampliação da consciência cultural no sentido de reincorporar o feminino. Ela buscou conquistar seu lugar na sociedade como homem, já que as mulheres não tinham nenhum poder ou possibilidade de se firmar socialmente. Foi a uma tentativa de inserção, dentro do possível, no mundo patriarcal, e, também, uma identificação da mulher com os valores do masculino.

Pudemos, assim, associar esse processo retratado no filme com o movimento feminista, na década de 60, que foi muito importante para diversas conquistas da mulher, mas que ainda buscava seu espaço na sociedade através da igualdade, a partir da identificação com o masculino. Movimento, porém, muito importante, pois a partir de então, ocorreram movimentos na tentativa de realização de suas reais potencialidades e necessidades inaugurando algo que se assemelha a uma nova era. Há uma busca pelo autoconhecimento, reflexão, a busca por uma nova identidade que abarque seus potenciais, até então, adormecidos. A mulher passa a procurar sua “fala própria” para incorporar ao território essencialmente masculino, da razão e da linguagem, a emoção e o desejo.

Mulan retrata a necessidade de reincorporação do feminino não só pelas mulheres, mas por toda a sociedade. Como uma heroína ela foi um exemplo de ego para toda sua comunidade, homens e mulheres, que puderam se relacionar e respeitar uma mulher por sua real capacidade e sabedoria, como um aspecto da própria personalidade relacionado ao sentimento, a intuição, ao inconsciente que, a partir da relação estabelecida com a heroína, puderam ter uma melhor relação, com menos medo do desconhecido, tanto com a mulher concreta quanto com o aspecto feminino interno, sua alma.

Essas questões são todas abarcadas no conto de Mulan. Fica claro que a sociedade patriarcal não mais consegue dar conta das exigências da atualidade sem a incorporação de valores femininos. No filme alguns símbolos mostram essa questão: a fragilidade do pai que está ferido na perna e o fato dos soldados não

conseguirem vencer a batalha sem o auxílio de Mulan e suas idéias simbolizam a necessidade de mudança no sentido de que a expressão do masculino tradicional já não é mais suficiente. Há uma necessidade de mudança da dinâmica patriarcal para a dinâmica da alteridade onde o oposto deve ser integrado.

O filme retrata a busca da heroína em restituir um lugar para o feminino na sociedade patriarcal. O caminho da heroína, sua jornada, não é fácil, tem muitos obstáculos, mas é necessário a todas as pessoas que buscam maior integridade na sua personalidade, reincorporando aspectos do feminino nos homens e do masculino nas mulheres. Além disso, Mulan, como heroína, traz a toda a sua comunidade, essencialmente patriarcal, o aspecto feminino, tão relegado da consciência cultural, promovendo a ampliação da consciência coletiva.

Percebemos essa transição e reincorporação de aspectos opostos durante o filme. Por exemplo: no início do filme os soldados eram truculentos, agressivos e no decorrer do filme passaram a expressar sentimentos, tornando-se menos agressivos e mais íntegros, com uma persona mais flexível. Também a incorporação do feminino pôde ser vista em Shang que passa a acatar as decisões de Mulan e, no final do filme, divide a responsabilidade pela vitória com ela. No final do filme, toda a sociedade se curva diante de Mulan, que representa o feminino.

Essa é uma jornada que se refere a toda a sociedade essencialmente patriarcal e, portanto, que tem seus aspectos femininos relegados ao inconsciente. Uma jornada necessária a todos, homens e mulheres, em busca de uma personalidade mais íntegra, mais verdadeira com a integração de aspectos masculinos e femininos em todas as pessoas, proporcionando relações mais verdadeiras entre as pessoas.

Através da conquista da ampliação da consciência coletiva as relações se transformam, se tornam mais verdadeiras e completas entre homens e mulheres inteiros em todos os sentidos, com respeito e acalanto às diferenças, podendo estabelecer relações de alteridade entre elas.

Assim, podemos perceber que os contos trazem questões da atualidade e que cada vez mais se torna imperativo lidar com o feminino, com seus aspectos, ampliando a consciência coletiva.

Outras pesquisas podem ser feitas buscando compreender se a questão abordada do feminino se apresenta em outras obras artísticas atuais como pinturas, outros filmes, artesanato. Também pode ser realizada uma pesquisa comparativa entre um conto anterior e um atual no sentido de perceber se há diferenças significativas na maneira de se lidar e abordar o feminino em contos antigos e atuais. Trabalharmos com material simbólico permite ampliação da consciência em busca da totalidade.

BIBLIOGRAFIA

BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro*. 4ª. Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BARBOZA, Andréa. *Contos de fadas: re-significando a vida e ultrapassando etapas*. Monografia. São Paulo: PUC-SP, 2002.

BARROS, Carmelita Barbosa. *A importância dos contos de fadas no ensino fundamental*. Monografia. São Paulo: PUC-SP, 2004.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BONAVENTURE, Jette. *O que conta o conto?* São Paulo: Paulus, 1992.

BOLEN, Jean Shinoda. *As deusas e a mulher*. São Paulo: Paulus, 1990.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol. I, II e III. Petrópolis: Vozes, 2005.

BYINGTON, Carlos. *Adolescência e interação do self individual, familiar, cultural e cósmico. Introdução á psicologia simbólica da dinâmica familiar*. Revista da sociedade brasileira de psicologia analítica. Rio de Janeiro, 1988.

CEMBRONE, Cacilda Pellici. *Os contos de fadas e a psicopedagogia : um caminho para aprendizagem significativa*. Monografia. São Paulo: PUC-SP, 2003.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 19ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

DESTRO, Fabiana Cruz. *Espelho, espelho meu: o feminino no conto Branca de Neve*. TCC. São Paulo: PUC-SP, 1997.

EDINGER, E. *Ego e Arquétipo*. São Paulo: Cultrix, 1995.

FAMÍLIA BRASILEIRA. *Revista da folha*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2007.

FARIAS, Beatriz Helena Cerqueira de. *Jovens mulheres re-significando o feminino*. São Paulo: PUC-SP, 2003.

GALAN, Heloísa Dias da Silva. *Um estudo psicológico sobre o infarto do miocárdio em mulheres*. Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2002.

GENERALI, Janaína Rosa. *Contos de fadas: uma possibilidade de instrumentos psicopedagógicos para alfabetização*. TCC. São Paulo: PUC-SP, 2006.

GRIMM, Irmãos. *Contos de fadas*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

HALL, James A. *Jung e a interpretação dos sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1983.

JAFFÉ, A. *O mito do significado*. São Paulo: Cultrix, 1983.

JOHNSON, Robert A. *Feminilidade perdida e reconquistada*. São Paulo: Mercuryo, 1991.

JACOBI, J. *Complexo, arquétipo e símbolo*. São Paulo: Cultrix, 1990.

JACOBY, M. *O encontro analítico*. São Paulo: Cultrix, 1984.

JUNG, Carl Gustav. *Fundamentos da psicologia analítica*. 3ª. Ed. Petrópolis: Vozes, [1935] (1991).

_____. *Tipos psicológicos*. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, [1921] (1991).

_____. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 5ª. Ed. Petrópolis: Vozes, [1933/1955] (2002).

_____. O homem e seus símbolos. 22ª. Impressão. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1992.

_____. Memórias, sonhos e reflexões. 24ª. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KAUFMAN, Thatiane Simonelli. *Jogue-me suas tranças: a criança diante do conto Rapunzel*. TCC. São Paulo: PUC-SP, 2005.

KLUGER, G. de R. Schärf. *O significado arquetípico de Gilgamesh*. São Paulo: Paulus, 1999.

MACHADO, Uirá. *Entrevista com Camille Paglia*. Caderno Mundo folha A 26. São Paulo: Folha de São Paulo, 2007.

MELHORAMENTOS. Minidicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

NASCIMENTO, Maria Fátima Ponte. *Chihiro: uma jornada arquetípica*. Monografia. São Paulo: PUC-SP, 2005.

NEUMANN, E. *O medo do feminino*. São Paulo: Paulus, 2000.

PEREIRA, Maria Ruth Gonçalves. *Apostila do curso de especialização na abordagem junguiana: leitura da realidade e metodologia de trabalho*. Módulo III. São Paulo: Cogea PUC-SP, 1999.

_____. Módulo I. São Paulo: Cogea PUC-SP, 1998.

PERERA, Sylvia Brinton. *Caminhos para a iniciação feminina*. 3ª. Edição. São Paulo: Paulus, 1998.

RIBEIRO, Fernanda da Silva. *O aspecto simbólico do tecer: uma analogia entre o tecer e o processo de individuação a partir do conto A moça tecelã*. Monografia. São Paulo: PUC-SP, 2007.

SEABRA, Zelita e MUSZKAT, Malvina. *Identidade feminina*. 3ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. 18ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

STEIN, Murray. *Jung – O mapa da alma*. São Paulo: Cultrix, 2005.

VON FRANZ, Marie-Louise. *O feminino nos contos de fadas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

WHITMONT, Edward C. *Retorno da deusa*. São Paulo: Summus, 1991.

_____. *A busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix, 2006.

WOOGLER, Jennifer Barker e WOOGLER, Roger J. *A deusa interior*. São Paulo: Cultrix, 1989.

ZANZINI, Monica de C. F. *Era uma vez um conto... : sobre os contos de fadas e o inconsciente coletivo*. TCC. São Paulo: PUC SP, 2001.

SITE

www.wikipedia.org/wiki/mulan. Acesso em: 20 de abril de 2008.

www.wikipedia.org/wiki/Hunos. Acesso em 14 de maio de 2008.

www.lendo.org/a-balada-de-mulan. Acesso em 10 de junho de 2008.

FILME

Mulan. Edição especial. Clássicos Walt Disney. 1998.